O CORREIO

DIRECTOR
Jorge Santos

SEMANARIO MONARCHICO

EDITOR
José Antonio Fontes, Sobrinho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Passos Manoel, 177-1.º-Porto

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor—Officinas movidas a electricidade—Rua da Cancella Velha, 70-1.º—PORTO.

Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas—6, Rua Duban
Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

Proprietario—MARIO ANTUNES LEITÃO

1.º ANNO = N.º 16 = AVULSO 20 REIS

Sabbado, 22 de Março de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.os, 1$000 reis — Serie de 26 n.os, 500 reis. Estrangeiro: (Paizes da União postal)—serie de 52 n.os, 15 francos (ou 3$000 reis). Serie de 26 n.os, 8 francos (ou 1$600) reis. Brazil: serie de 52 n.os, 6$000 reis (moeda brazileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.

ANNUNCIOS—Na secção de annuncios 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

SUMMARIO

O Imperador Guilherme nos tribunaes — MARIO PINHEIRO CHAGAS.
Echos.
A Republica e os Operarios — HENRIQUE DE PAIVA COUCEIRO.
A Segunda Incursão Monarchica — JOAQUIM LEITÃO.
A Opinião Publica em França — AYRES DE ORNELLAS.
O Caminho de Ferro de Quelimane — EDUARDO LUPI.
Chronica Militar — SATURIO PIRES.
Entrevista com Arthur Meyer — JOAQUIM LEITÃO.
Os bons tempos da tropa — *Um «Retaldatario»* — SATURIO PIRES.
Semana Mundana.
Folhetim — *A Chica — O Lulu* — ANSELMO.
Carta de Lisboa — RAUL.

O IMPERADOR GUILHERME NOS TRIBUNAES

Foi ha dias que lemos n'um jornal francez a noticia de que o Imperador Guilherme perdera nos tribunaes allemães uma acção que intentara contra o rendeiro da sua propriedade de Cadinen.

A noticia vinha como que em surriada ao Imperador. Percebia-se que o correspondente cozinhava o telegramma conforme o paladar dos leitores a quem o destinava. Bôa partida, hein!... O Impe-ra-dor perdeu o seu processo contra um humilde rendeiro!... Apre!... Assim é que se ensinam estes déspotas, estes autocratas!...

Relêmos a noticia... não porque o nosso espirito se recusasse a acreditar no que os olhos estavam lendo. Oh! não! Nós lembravamo-nos perfeitamente de que em Portugal a casa de Bragança recorria ou era chamada aos tribunaes por questões de natureza, civil ou commercial, e que perdia ou ganhava os seus processos como outro qualquer cidadão! E, apezar de termos o espirito sempre affastado da politica, não era tão grande a nossa ignorancia que não soubessemos ter a casa de Bragança por chefe El-Rei de Portugal...

Relêmos a noticia, porque ella nos era consoladôra, porque ella trazia ao nosso espirito uma grande doçura, uma grande calma, porque nos fazia bem.

Não podiamos curtir no coração os rancôres, sinceros ou ostensivos, do autor do telegramma. Era-nos indifferente que o Imperador allemão triumphasse ou fôsse vencido nos pleitos da sua casa particular com os seus caseiros. Não viamos n'aquella rancorosa noticia senão o que o correspondente não percebera ou não quizera que se percebesse: o que ella tenha de bello, de grande... *a independencia do poder judicial!...*

E' uma coisa curiosa de observar! A independencia do poder judicial não é uma conquista da Liberdade, a não ser no mesmo sentido em que Janina foi ha poucos dias uma conquista da Grecia, rendendo-se-lhe... Ella existia, antes da *Liberdade* a ter proclamado como conquista sua. Existia como uma condição natural da propria vida social...

Quando a revolução franceza de 89 veio *changer tout cela,* não se esqueceu, é claro, do poder judicial. Affirmou-lhe a independencia, como se esta tivesse nascido gemea da revolução, e... creou o *Tribunal revolucionario,* de sinistra e repugnante memoria.

Depois, a cada sacudidella revolucionaria em França, o poder judicial teve as mesmas oscillações de todo o resto do organismo, porque a *Liberdade,* que em cada revolução dizia que d'aquella vez ella é que era a verdadeira, a authentica, a genuina Liberdade, a primeira cousa que fazia era agarrar-se á independencia do poder judicial, sua conquista, sua prêsa... E, a acreditarmos no que nos dizem Emile Faguet no seu livro... *Et l'horreur des responsabilités,* e tantos outros escriptores francezes livres de suspeita, a ultima das *Liberdades* em França, a que nasceu em 1871, continua agarrada á magistratura.

E comtudo a independencia d'este poder está de tal maneira na razão, diremos até na sensibilidade e no instincto de cada um, que os seus proprios violadores a invocam quando a atacam!

Vimos assistindo em Portugal desde 5 de outubro de 1910 ao mais descabellado *can-can* que até hoje se tinha feito dançar á magistratura portugueza. Para julgar os seus adversarios, o Governo Republicano não se limitou a fazer leis de processo adequadas a cada delinquente. Foi mais longe. Creou, inventou tribunaes successivos, e tal réo que, ao praticar o delicto de não ser republicano, pensava ser julgado na Boa-Hora, viu-se um dia passeado até ás Trinas, para finalmente subir a Santa Clara.

Na republica os tribunaes teem passado como os ministerios. Cahem ministerios, cahem tribunaes, e nem os ministerios governam, nem os tribunaes julgam. Os juizes rodopiam. Os processos já não dormem, porque os fazem correr d'um cartorio para outro sem comtudo chegarem nunca ao fim.

E tudo isto sempre em nome da independencia do poder judicial, para assegurar a independencia do poder judicial!

Os grupos revolucionarios enviam gente sua a assistir aos julgamentos dos conspiradores como a Convenção enviava aos exercitos os seus representantes para fiscalisarem os generaes. E, ai dos juizes que não condemnarem sempre, sem provas, contra as provas, porque, por mais carrascos que antes se tenham mostrado, um momento de *fraqueza* perde-os e os grupos revolucionarios apupam-n'os e insultam-n'os!

Mas esses apupos e esses insultos são feitos sempre sob a invocação da independencia do poder judicial, note-se bem. E os insultadores são boçalmente sinceros, porque, para elles, o juiz que não condemnou um réo politico não foi independente, foi... *thalassa!*

N'esses ultrages da rua, n'essa pressão dos governos devia pois a magistratura portugueza encontrar a propria razão de ser da sua independencia. E o que fez ella? Pactuou com os assaltantes!

E' assim que... Mas, perdão, nós não vamos occupar-nos do poder judicial em Portugal, pelo menos hoje. Talvez o façamos n'um dos proximos numeros. Hoje o que nos captiva o espirito, é o poder judicial no Imperio Allemão.

Diziamos, pois, que os tribunaes allemães tinham julgado contra o Imperador uma acção por este intentada contra um seu rendeiro.

Os jornaes francezes deram a esta noticia a maior, a mais satisfeita publicidade. Figuraram-se certamente o Imperador enfurecido com a perda do seu processo, espumante de raiva e de despeito, o seu prestigio de chefe do Estado em chéque.

Na sentença dos juizes allemães viram talvez os jornalistas francezes um prenuncio de revolta, um assômo de republica...

Nós não temos a mesma phantasia. Vemos n'aquella sentença uma affirmação do perfeito equilibrio entre os poderes do Estado, uma garantia da existencia da ordem, e pensamos que, se a alguem os juizes allemães quizeram servir na sua sentença, esse alguem foi o Imperador Guilherme.

Porque, em verdade, se Guilherme perdeu a acção, o Imperador ganhou-a.

Mario Pinheiro Chagas

ECHOS

Moral jesuitica

A *Patria,* aquella divertidissima *Patria,* que veio substituir na imprensa o nunca jámais em tempo algum assaz cantado audaz campeão republicano, *Vanguarda,* de hilariante memoria, — declara que João d'Almeida, o heroico soldado dos Dembos, negando que conspirasse, *se deixou preverter pela moral jesuitica dos conspiradores monarchicos.*

Estas palavras da divertidissima *Patria* teem um altissimo valor, porque representam a opinião de que o sr. Affonso Costa, chefe do governo e chefe do partido a que pertencem os srs. Gestevão e Augusto, ambos de Vasconcellos, estava *prevertido* tambem pela *moral jesuitica* quando, depois de 28 de janeiro, no quartel do Carmo escreveu aquellas *memorias do carcere,* nas quaes declarava não saber porque o tinham prendido, visto que a tal revolta de 28 de janeiro fôra uma *pavorosa* arranjada pelo governo.

Se com essa declaração não negava que tivesse conspirado, e portanto se não esteve *prevertido pela moral jesuitica,* então fallava verdade e no elevador da Bibliotheca estivera... por conta do governo a concorrer para a pavorosa.

Reformados

Um jornal evolucionista diz que o artigo da lei dos funccionarios publicos que auctorisa o governo a chamar ao serviço os aposentados, é irritante para toda a gente e não traz vantagem para ninguem.

Não é bem assim.

Esse artigo da lei tem a vantagem de dar apparencias de legalidade á situação do snr. José Caldas, collaborador do *Mundo,* que, tendo sido aposentado a seu requerimento no tempo da Monarchia, foi nomeado, logo que se proclamou a Republica, para um optimo logar do Ministerio da Justiça.

Ninguem diga...

O snr. conselheiro Julio de Vilhena, n'uma carta ao *Dia,* esclarece que seu filho Ernesto, que hoje é republicano e está filiado no partido democratico, no tempo da monarchia só foi regenerador e regenerador-liberal.

E' exacto.

Mas deve-se accrescentar em abono da verdade que a culpa não foi do dr. Ernesto de Vilhena.

A culpa foi da Monarchia que acabou pouco depois d'esse senhor ter entrado na politica e sem lhe dar tempo para tambem ter sido progressista, nacionalista, dissidente e henriquista.

E' de esperar que a Republica dure o tempo bastante,—ahi meia duzia de mezes,—para que o snr. Ernesto de Vilhena, que é hoje democratico, possa vir a ser evolucionista, unionista e governador geral de Moçambique. Depois do que se tornará então independente.

A não ser que seja chamado a formar gabinete o snr. Pedro Muralha, porque n'esse caso o snr. Ernesto de Vilhena experimentará o socialismo, passando a navegar nas aguas syndicalistas se o snr. Figueiredo fôr para cima, e mergulhando de cabeça para baixo no anarchismo se alguma aragem bafejar o snr. Mario Monteiro.

Nenhum partido politico diga pois *d'este Ernesto de Vilhena não beberei...* porque póde muito bem succeder que mais tarde ou mais cedo Sua Senhoria lhe vá lá parar.

Metteu-se-lhe na cabeça que todos os caminhos vão dar... ao governo geral de Moçambique, mas como tem muita pressa, em chegando a certa altura, muda para outro por lhe parecer que aquelle que está seguindo leva mais tempo.

Simplesmente não repára que d'essa maneira nunca chéga ao fim.

Que diacho!... decida-se de vez por um dos caminhos, e siga sempre a direito que lá ha-de chegar, homem de Deus!

Tem meritos para isso, escusa de andar fazendo tristes figuras.

Detrictos

O sr. Antonio José d'Almeida entende que *para consolidar esta joven Republica, a primeira coisa que ha a fazer é saneal-a, remexendo os detrictos que já se accumulam nas dobras falsas dos seus vestidos.*

Pois remova-se n'esse caso a si proprio o snr. Antonio José d'Almeida que, na dobra falsa do evolucionismo em que se acoita, a todos os detrictos que empestam o ar, junta uma absoluta falta de coragem e uma completa falta de intelligencia.

Junta do Credito Publico

Segundo vemos nos jornaes, a Junta de Credito Publico resolveu fazer com que o seu director pedisse uma syndicancia.

Teria sido melhor para o prestigio que essa instituição precisa manter, que o tivesse já feito ha mais tempo.

Haveria poupado muita coisa desagradavel para elles e teria tornado desnecessarios o nosso *echo* do ultimo numero e a carta anonyma que um pateta qualquer nos escreveu.

Perguntas

O *Dia* pergunta porque se não faz a secularisação dos cemiterios em todo o paiz, em vez de ser feita apenas a dos cemiterios de Lisboa?

Por uma razão muito simples... Porque...

E d'ahi talvez não... Ahi por essas provincias tem-se já aguentado tanta cousa, que provavelmente tambem se aguentava mais essa.

Registo

O nosso illustre collega *Revista Catholica,* de Vizeu, declara *que não é contra a Republica,* mas sim *contra as leis que nos vexam, nos opprimem e que férem profundamente os nossos corações de catholicos e de patriotas.*

Pedimos licença para archivar esta declaração, e não precisa o nosso illustre collega

pedir-nos licença para, se assim o entender, archivar a que em seguida fizemos e que é *que mesmo com leis que nos não vexem, que nos não opprimam e que não firam profundamente os nossos corações de catholicos e de patriotas* nós somos contra a Republica, porque, honesta ou deshonesta, liberal ou reaccionaria, conservadora ou demagoga, a Republica é, no nosso paiz, anti-nacional e implica sempre o perigo da perda da nossa independencia e um pretexto para a perda das nossas colonias.

Julgamos conveniente accentuar isto para que, pela nossa parte, fique accentuado que mesmo sem o desapparecimento da Lei de Separação,—suppondo que elle se désse,—não desappareceriam as causas da necessidade do derrubamento da Republica.

Grandes e pequenos

O snr. Ladislau Parreira, heroe do mar, nobre povo, que foi nomeado ha pouco, e nas condições já sabidas, commandante do *Vasco da Gama*, botou discurso aos camaradas e ás praças, quando tomou posse do commando do navio.

Sua Senhoria não fez, é certo, um discurso brilhante na fórma, mas foi profundo nos conceitos.

Assim elle disse que não julgava facil a missão que era chamado a desempenhar, mas que em todo o caso o não affrontava o tamanho do navio, porque de ha muito elle tem a opinião,—elle Ladislau Parreira, e não elle, navio, embora a opinião podesse muito bem ser tambem a de um navio que é couraçado,—tem a opinião, diziamos, *de que quem commanda um pequeno, commanda um grande.*

Está claro...

Afinal de contas que differença ha entre commandar uma canhoneira e commandar um *dreadnought?*

Nenhuma...

Se quando vae ao fundo, a canhoneira fosse para baixo, e o *dreadnought* fosse para cima... ainda a coisa podia ter certas differenças.

Mas como vão ambos para baixo... vem tudo a dar na mesma.

Investigação

O sr. ministro das colonias escolheu ou vae escolher, um funccionario do seu ministerio para proceder a uma investigação na Direcção Geral das Colonias ácerca das faltas referidas pelo sr. dr. Alfredo de Magalhães, na sua conferencia de ha dias.

Ora foi pena que tivessem demittido o sr. Magalhães de governador geral de Moçambique.

Se o não teem feito, elle proprio é que era um bom funccionario do ministerio das colonias para proceder a essa investigação.

Assim vão vêr que a investigação não dá nada, quando, se d'ella encarregassem o sr. Magalhães, daria tudo.

Desmentido

O *Mundo*, porque um jornal socialista disse que o sr. Affonso Costa tem collocado as suas economias em bancos estrangeiros, declara muito indignado que isso é *uma refinadissima calumnia.*

Pois já ficamos sabendo que é verdade o que o jornal socialista disse.

O desmentido do *Mundo* não faz mais que confirmar a noticia... que desmente.

E' o costume.

Não é verdade

O sr. João de Menezes, n'um artigo da *Lucta*, no qual repete affirmações que já foi convidado a provar e que não provou,—como aquella de que El-Rei pedira a intervenção estrangeira,—diz, em italico, para accentuar o caso, que o ultimo Nuncio que esteve em Lisboa angariou na *Italia recursos para auxiliar os trabalhos da conspiração monarchica e, sobretudo, da incursão realisada em outubro de 1911.*

E' absolutamente falso.

As despezas com os trabalhos de conspiração e com a incursão de outubro de 1911 foram pagas com dinheiro de portuguezes e por portuguezes angariado, e em nada interveio, nem esse Nuncio, nem qualquer outro padre estrangeiro.

Claro está que já sabemos que o desmentido não impedirá o sr. João de Menezes de continuar fazendo a affirmação que *sabe perfeitamente* não ser verdadeira.

Tambem elle *sabia muito bem* que nem o sr. Padre Gonzaga Cabral nem os Jesuitas tinham qualquer influencia nem tinham prestado qualquer auxilio á conspiração que precedeu a incursão de outubro de 1911, e comtudo quasi diariamente affirmava, que eram os Jesuitas que mandavam e dispunham dos realistas que estavam na Galliza.

A petulancia com que o sr. João de Menezes faz estas affirmações é tanto mais interessante, quanto esse senhor ainda que lhe tivessem feito aquella affirmação, e se não tratasse apenas de uma informação sua, era muito capaz de, n'um momento de sinceridade, *apostar a cabeça* em como os jesuitas nenhuma influencia tinham tido na incursão de outubro de 1911.

Mas o sr. João de Menezes deu n'aquillo. Aparte um pouco mais de grammatica... é o sr. França Borges por uma penna.

Luz viva

O sr. Luz Almeida, que o revolucionario Americo dissera nas *Novidades* ser uma luz bastante vacillante nos momentos difficeis, desatou a publicar no mesmo jornal uma série de cartas em que, desde o evolucionista Antonio José até ao *reporter* Vinagre, toda a gente assegura que elle é tesíssimo.

Se assim é, já a carbonaria não precisa, como aconselhamos no nosso ultimo numero, de fazer uma installação electrica no chefe.

D'esta vez o que recommendamos é que lhe ponham um *abat-jour.*

Um Luz tão teso deve forçosamente dar uma luz muito viva.

O Duende

Os jornaes republicanos estão agora á bordoada a um jornalista hespanhol que no *Heraldo*, de Madrid, escreve uma secção que assignou com o pseudonimo de *El Duende de la Collegiata.*

Segundo parece, o homem esteve em Lisboa, não gostou do que viu, e foi para a gazeta dizer coisas feias a respeito da capital do paiz onde está a melhor republica do mundo.

Por isso a *Capital*, o *Paiz*, a *Republica* e o *Mundo* dão no homem bordoada bravía.

Cessem com isso, Saraivas d'uma figa!... Olhem que esse jornalista em quem estão dando bordoada é o mesmo a quem fizeram os mais rasgados e enternecidos elogios, quando elle escreveu uns artigos contra os conspiradores da Galliza!...

Onde lhes doe

A *Patria*,—como um proprietario dissesse que se não deviam publicar os nomes das pessoas a quem a nova lei de contribuição vae aggravar, porque assim se ficaria sabendo quanto cada um tem,—observa que *ahi é que lhes doe, porque se vê que pagam menos do que deviam pagar.*

Ora é pouco mais ou menos essa a razão porque não ha meio de conseguir que os jornaes republicanos digam quanto ganham os homens do registo civil.

É porque se veria que recebem mais do que devem receber.

É a mesma cousa, com a unica differença de ser o contrario.

Rectificação

Do sr. padre Casimiro Rodrigues de Sá, deputado pertencente ao partido evolucionista, recebemos a seguinte carta:

Ex.mo Snr.

Desejo fazer a declaração publica, no mesmo logar em que a gratuita arguição me foi feita, de que não podem de fórma alguma serem-me attribuidas as seguintes palavras, que leio em o n.º do *Correio* correspondente ao dia 9 d'este mês:

«Mas nessa sessão o que houve de mais interessante ainda foi o facto de o sr. padre Sá dizer que na monarchia os governos *roubavam...*»

Garanto que em nenhuma das sessões em que foi tratado o caso Eusebio da Fonseca, as quaes se realisaram nos dias 21 e 24 de fevereiro ultimo, eu fiz tal affirmação.

Egualmente posso garantir que em discussão alguma usei jámais d'uma tal linguagem.

Repugnam-me soberanamente certos processos de ataque, assim como por systema evito accusar os homens do passado regimen e os seus actos.

Não vejo nisso proveito nem conveniencia; como entendo que não é com lançar, a proposito e a desproposito, acusações aos desmandos do regimen deposto que se governa bem na vigencia das actuaes instituições.

Pedindo e agradecendo a publicação d'estas linhas, sou

De V. Ex.ª
Cr.º m.º att.º

P.e Casimiro Rodrigues de Sá.

Lisboa, 11-3-13.
Avenida da Liberdade, n.º 8—3.º E.

Se a memoria nos não falha, foi na propria *Republica*, isto é, no orgão do partido a que pertence o sr. Casimiro de Sá, que vimos attribuidas a Sua Senhoria as palavras que transcrevemos no nosso echo.

É possivel porém que estejamos em erro e, de resto, o sr. Sá melhor do que ninguem deve saber o que disse.

A rectificação ahi fica pois, e com ella, pela propria carta do deputado evolucionista, a censura a todos aquelles que teem passado o seu tempo a injuriar os monarchicos e a classificar de *ladroeira* a administração da Monarchia.

N'essa censura do sr. Rodrigues de Sá ficam envolvidos todos os seus correligionarios, a começar pelo sr. conselheiro Antonio José d'Almeida, seu chefe, que, antes de iniciada esta sua nova phase da Senhora da Paz... pôdre, desenvolveu intensa energia nas injurias aos monarchicos.

Devemos dizer com toda a sinceridade que nos era absolutamente indifferente que os evolucionistas voltassem á primeira phase e desatassem de novo a chamar ladrões aos monarchicos.

E isto pela simples razão de que nos é completamente indifferente o que dizem republicanos, evolucionistas ou democraticos, unionistas ou independentes, contra os monarchicos.

O que nós não queremos é que elles os elogiem.

Isso não, porque se poderia ficar suppondo que todos os monarchicos eram como o sr. Teixeira de Sousa, o sr. Raposo Botelho ou o sr. Ferreira do Amaral.

Responsabilidades

A *Capital* apurou que em Barcellos, dos 18:000 contribuintes que ha no concelho, ficam isentos de contribuição 10:500; são beneficiados com a reducção de tres setimos do que pagavam, 2:400; com um setimo, 4:000; mantendo as mesmas colectas 930, sendo apenas 170 os que são aggravados com a nova lei de contribuição predial.

A *Patria*, delirante, transcreve o apruamento e conclue: *que se houver escarceu, a esses 170 se deverá* pedir a responsabilidade.

Não sabemos porquê... Até póde muito bem succeder que sejam os 10:500 que ficam livres de contribuição os que venham a levantar-se a protestar.

E pela muito simples razão de que, aggravados por novos impostos, os taes 170 teem que arranjar compensação a esse aggravamento, e para a arranjarem augmentam as rendas... e os taes 10:500 é que são os rendeiros; diminuem a jorna de trabalho nos campos... e os taes 10:500 é que são os trabalhadores; suspendem cultivos de terras que não podem dar já para as despezas, em vista de tantos impostos, ... nos taes 10:500 é que estão os que ficam sem trabalho.

Não vemos portanto como se possa tomar aos 170 a responsabilidade do facto de se revoltarem por pagarem mais renda, receberem menos jorna e muitos ficarem sem trabalho.

Essa responsabilidade deve pedir-se ao governo causador de todo esse desequilibrio, e que é presidido por quem dizendo ganhar 20 contos por anno como advogado, protestou contra o facto de lhe terem lançado uma contribuição de 200 mil reis.

Ideias Monarchicas

Pedem-nos a publicação da seguinte noticia:

Esta revista que foi annunciada para sahir na quinta-feira passada, só póde apparecer na proxima segunda-feira, começando a sahir regularmente ás quintas-feiras do dia 27 em deante.

A Republica e os Operarios

Tinham as Classes Operarias, ao que parece, depositado alguma esperança na Republica.

Questão de variedade, — é de suppôr, — ou muito bom desejo d'illudir-se, visto que, na ordem natural das cousas, o novo regimen não podia trazer-lhes, senão precisamente o que lhes trouxe, — quer dizer aggravamento de situação.

E' certo, todavia, que o Trabalho e os Trabalhadores, nervo essencial das prosperidades publicas, teem direito a contar-se como uma das mais importantes preoccupações de qualquer Estado consciente do seu papel.

Mas tambem é certo, por outro lado, que uma republica parlamentar funccionando, d'alto a baixo, sobre o voto, representa necessariamente o melhor dos caldos para o cultivo, e reproducção, do microbio do politiquismo, com todas as suas explorações do homem pelo homem, luctas de facção, predominio d'incompetencias, e postergação d'interesses geraes.

Nem é republica parlamentar o actual regimen portuguez, senão de letreiro, nem as votações entram no seu funccionamento para cousa alguma.

No entretanto, apesar das cousas serem parcialmente diversas, os effeitos são analogos.

Já a demolição dos agrupamentos sociaes entrou no programma da primeira republica franceza, e a Assembleia Constituinte approvou em 1791 uma moção prohibindo aos trabalhadores as suas reuniões sob pretexto d'interesses communs. A republica assumia assim o cargo de Patrão maximo, perante os Operarios isolados, e enfraquecidos, pela suppressão das suas associações de classe.

Desagregar, e dividir, para se impôr e imperar, — contralizando o mando, e chamando a si todos os fios do poder,— tal é a philosophia historica da revolução republicana.

Quasi cem annos depois, a terceira republica franceza regularisou, na verdade, por lei (de 21 de Março de 1884), a existencia dos syndicatos profissionaes. Mas a cordialidade não é a caracteristica mais proeminente das relações, entre o parlamentarismo republicano, e a familia operaria. Esta já tem a sua ideia formada a respeito dos politicos que, começando por excitar paixões vermelhas como degrau para fazer carreira, acabam por manejar as repressões sanguinolentas para se manterem no Poder.

Até mesmo a Confederação Geral do Trabalho esteve, aqui ha annos, para ser dissolvida sob a accusação de «cumplicidades com os realistas», tal e qual como, aqui ha mezes, os operarios da Casa Syndical portugueza baixaram ás casamatas das fortalezas de Lisboa por suspeitos de connivencias com talassas.

Mas tambem em Portugal já os operarios maldizem da sua sorte, recriminam o regimen, e ameaçam com a «Revolução Social».

Conforme o costume, lançou-se a «Grande Palavra». A humanidade move-se com «Grandes Palavras». Infelizmente esquece-se muitas vezes de vêr bem o que está no fundo d'essas sonoridades oratorias, e prejudica-se com o descuido.

«Revolução Social». Solução extrema. Objectivo incompativel com o espirito, e a educação, dos portuguezes que temos, e da gente contemporanea, e irrealisaveis dentro das condições actuaes da politica do mundo.

«Revolução Social». Pessimo caminho. Pois quando a concorrencia economica entre os grandes Estados mais fortemente se accentua, quando a superficie da Terra com maior clareza se demonstra uma arena de Campionatos adversos, Imperialismos cultores da Força que se preparam, que se medem, que rivalisam, — pois n'esta hora de luctas vehementes pela existencia, será por ventura o ensejo azado para armar esse pobre recanto portuguez, misero e impotente, em campo d'experiencias avançadas?

A Republica foi uma desillusão. Está na logica, e responde perfeitamente ás previsões.

Já Bebel, o auctorisado chefe do Socialismo allemão, fazia n'um Congresso (o de Amsterdam de 1904, se não m'engano, a seguinte pergunta significativa:

«Acredita alguem que a conquista das instituições republicanas póde traduzir-se em quaesquer melhorias para o proletariado?»

Não o acreditava elle, nem o acredita pessoa alguma que demore sobre o caso uns minutos de pensamento.

As allianças, pelo contrario, teem-se dado sempre, entre o Povo, e as instituições monarchicas. Succumbiu o Feudalismo perante a liga da Monarchia com as Corporações Municipaes. E são tambem as Monarchias quem, nas éras modernas, mais affirma, por actos effectivos, a sua solicitude para com os nobres soldados do exercito do Trabalho.

Em 1906 celebrou a Allemanha, por exemplo, as bodas de prata da sua legislação social. Data, com effeito, de 1881 a mensagem de Guilherme 1.º, lida por Bismarck ao Reichstag, na qual se recommendavam a esta Camara os projectos de lei sobre seguro operario contra accidentes, e organisação uniforme das caixas de soccorro em caso de doença, e se chamava a attenção sobre providencias para proteger a invalidez e a velhice.

E durante a vida de Guilherme 1.º, e, depois, durante a do actual Imperador, as leis e as medidas succederam-se com tanta persistencia e boa vontade, que as estatisticas de 1904 já davam, em face de uma totalidade de 15 milhões de salariados, cerca de 12 milhões de seguros contra doença, e de 14 milhões de seguros contra invalidez e velhice. Fóra os seguros contra accidentes, e os fundos applicados em alojamentos, hospitaes, sanatorios, e mais qualidades d'assistencia.

Para não nos alongarmos em citações d'este genero, deixaremos em paz, por hoje, a Belgica, a Italia, a Inglaterra, etc., tudo Monarchias cuja vasta documentação social nos faculta fundamento exuberante em prova da nossa these.

O suffragio universal e o systema representativo deram nascença a uma especie de novo feudalismo, onde põe e dispõe a casta dos politicantes. Quando essa casta, absorvente e ambiciosa, se apodera completamente de todos os sellos do Estado, — temos uma republica.

Se não, reparem as Classes operarias no que se passa. Deixem de dar ouvidos ás «Grandes Palavras», e fixem-se nos factos. Procurem entre esses pastores que sobrenadam, e verifiquem bem quantas isenções d'interesses proprios encontram, a beneficio dos desherdados da fortuna, — quantos signaes palpaveis lhes apparecem, de verdadeira solicitude a favor d'aquelles, que valentemente, que penosamente, arrancam, ás fadigas de cada dia, o duro pão que comem e que, a seus filhos, dão de comer.

Não prestem attenção a sereias. Sirvam-se só dos seus olhos, e das suas cabeças. Vão constatando o valor, em metal sonante, das arias democraticas, com que elles, — os pastores, — se bem hypnotizaram antes do 5 d'Outubro, melhor expremem, agora, nos lagares da extorsão.

E vejam bem se, — sendo o parlamento uma engrenagem necessaria da machina governativa, mas uma engrenagem que envolve os males do politiquismo, — não estará racionalmente indicada a existencia constitucional de um poder superior ás pequenas dependencias da politica, — susceptivel, portanto, de servir de fiel da balança, corrector de desmandos partidarios, e fiscal dos Interesses Geraes, em collaboração com a vigilancia que, no polo opposto, exerça a massa da opinião publica.

E vejam bem se, conseguida por esta fórma, a Paz e a Ordem, atravez de um governo com auctoridade, não ficará, desde logo, e «ipso facto», conseguida, tambem, a primeira das protecções ao Trabalho. E se não ficará conseguida, ainda, a possibilidade de, por meio de um consciente «Reformismo Socialista», obter, na Monarchia Portugueza, o mesmo, successivamente, que outras Classes Operarias teem obtido nas monarquias, a que fizemos referencia. Por aqui, sim. O exemplo externo mostra que algo de beneficos póde colher.

Republica. Revolução Social. Chaos d'Anarchia. Escombros de Combate. Colher o quê? se nem semeiar se póde.

Henrique de Paiva Couceiro.

A segunda Incursão Monarchica

OITO MEZES NA GALLIZA

Com o maior respeito pelos caracteres que, sem espectaculosos gestos, souberam sacrificar-se nas inhospitas aldeias da Galliza, durante longos oito mezes de provações e d'incertezas, começamos hoje a descrever a segunda jornada monarchica. Como se verá, essa jornada não foi feita em *sleepings-cars*, nem sequer em primeiras classes, não durou um dia nem dois, não se restringiu ao obscuro camponez que preferiu os sacrificios da emigração ao gozo tranquillo das casernas da republica. Chegou para todos o soffrimento e a abnegação. Pelos humildes como pelos illustres foi partilhado o tormento com a mesma rijeza d'alma, sem distinções de linhagem nem de coragem moral.

Se as heroicidades n'uma linha de fôgo são admiraveis, ellas custam talvez menos resistencia moral, menos elevação do que a vida trabalhada, de meios-prisioneiros, meios-degredados — mas de todo sublime — que aquellas centenas de portuguezes levaram nos oito mezes de Galliza, que medearam entre a dispersão da columna da primeira incursão monarchica e a mobilisação da segunda. A valentia é, como o valente, tão natural como a côr dos cabellos ou dos olhos, ao passo que soffrer obscuramente, ingloriamente, mezes e mezes, sem o mais rudimentar conforto nem a menor sombra de interesse, não é um dom natural: é um merito pessoal, uma obra bella que só raros realisam. Essa obra, sempre grande, sempre excepcional, foi na Galliza levada a cabo por centenas de portuguezes que, mercê do puro amor por uma Causa, chegaram ao ultimo dia d'esses oito mezes tão aptos para o soffrimento como estavam ao encetal-o, sem uma revolta, sem um protesto, sem uma palavra repêza, sem mais impaciencia que a de exporem á morte—que alguns encontraram nas veigas de Chaves—, a energia e a fé que os acantonamentos entediantes da Galliza não conseguiram arrancar-lhes.

Por agora, os emigrados da Galliza vão ter o respeito dos que o sectarismo não céga ou não amordaça.

Mas deixem passar tempo, e elles terão o respeito unanime que não póde negar-se a esses homens que resumem todas as másculas bellezas d'uma raça.

Por muito imperfeitamente que suggiramos o que foram esses stoicos mezes nas ourelas do Limia, o respeito, que por elles em nós demora, é impossivel que não trespasse para o coração e para a consciencia de quantos, de boa fé, nos lêrem.

O Fraccionamento da columna

E' outubro de 1911, a vinte.

A manhã, que encontra a columna ainda alojada em S. Martin, ultimo estádio d'essa primeira incursão, já não dá com aquella tristeza que, sobre o écho do conselho d'officiaes, entardecêra a véspera. No coração de todos amanhecêra nova esperança de que o movimento não morreria alli, de que a dispersão provisoria da columna duraria poucos dias, o tempo para receber mais armas e municiamento, e que a incursão recomeçaria mais forte e mais apoiada.

O capitão Jorge Camacho, chefe de estado-maior, dicta a «Ordem» á columna, fraccionando as companhias em nove grupos, escalonados pelas povoações cunvisinhas de Orense. Os commandantes dos varios grupos recebem o dinheiro bastante para a sua gente, até ao fim do mez: mais uma prova de que o armisticio, imposto pela falta de munições e d'armas, apprehendidas pelos carabineiros, não iria além de dez dias. O fraccionamento representava apenas uma finta para evitar a perseguição da guarda civil, e se receber mais armamento. Dez dias de repouso, bem ganho, — com dezesete dias de marchas incriveis—, o tempo para enxugar as roupas e os ossos, e depois a renovação do movimento, sempre anciosamente marcado, sempre desoladamente adiado.

Na casa, arvorada em quartel-general da columna, vae uma azafama de partida: O pagamento das contas dos alojamentos, as instrucções para o cumprimento da «Ordem», a ida e vinda de officiaes, de ajudantes, transmittindo, communicando, despedindo-se com as breves, indispensaveis palavras.

Paiva Couceiro partindo de S. Martin.

N'isto ouve-se a voz de Paiva Couceiro dizer para o capitão Camacho:

— «Bom. Já não estou aqui a fazer nada, retiro-me primeiro».

E, acompanhado da escolta, guardado pelo Faustino, a sua sombra fiel, Couceiro desce a escada muito pallido, a pallidez dos dezesete dias de marchas, com a mesma roupa enxarcada e seccada no corpo, a barba crescida, vestido como andára na incursão: o seu dolman cinzento, sobre o qual deitára um jaquetão de civil, calção de malha, cinzento tambem, as botas de montar com que palmilhara a Africa—e que as serras haviam agora reduzido aos canos—, o chapéo d'aba larga preso por um elastico, e um pedaço de pau da bandeira, que fôra o seu bastão e o seu cajado.

Os officiaes ficaram atarefados com os destacamentos dos «serviços de quarteis»; mas o chefe e sub-chefe d'estado maior, capitão Camacho e tenente Sobral Figueira, os ajudantes Thomaz Saavedra, José Eça de Queiroz, Pedro Folques, André Supardo, Manuel Coutinho, todo o quartel-general o seguiu até á porta.

— «Adeus, meu commandante!» — exclamou o capitão Jorge Camacho.

— «Adeus, meu commandante!» — todos repetem.

Couceiro volta-se para traz, e sem fixar ninguem, diz:

— «Não quero despedir-me de ninguem. Espero em Deus que isto seja apenas uma separação de poucos dias!»

E, sem apertar a mão a ninguem, affasta-se a pé, n'aquelle passo certo, tenaz, incansavel, capaz de devorar o proprio infinito.

O capitão Jorge Camacho é o primeiro a retomar a sua energia, apparecendo á columna, com a mesma viveza que tivera no campo, o seu comprido casacão abotoado, a bufanda enrolada no pescoço até ao bigode, o bonnet de pala carregado até aos olhos, o stock d'uma bengalla na mão, crescendo com o movimento, encontrando voz no commando, recortando na linha de fôgo uma silhuêta d'official prussiano. E como se se fôsse formar para as inquietas alegrias d'uma marcha, o capitão Camacho movimentou os alojamentos, dando ordens, fazendo mexer a sua gente, sacudindo a tristeza que queria pairar.

O tenente Sobral Figueira e André Supardo partem para Ginzo de Limia, em serviço de communicações, ás ordens do commandante, levando com elles o medico Villas Boas e quatro homens de escolta.

A pouco e pouco os officiaes, commandantes dos pelotões, vão seguindo para os logares designados pela «Ordem», e, á tarde, S. Martin recahia no bisonho silencio de pequena povoação raiana, não guardando do rumor d'esses dois dias senão as boas centenas de pesetas dos alojamentos e a honraria de terem brigado nas suas tarjas laijas uma hoste historica.

A columna espalmou-se pelos contra-fortes da serra do Gerez, caminhando pesadamente com o carrear de saudade d'aquelle apartamento de camaradas que, durante duas semanas, dormiram sobre as mesmas pedras, enxugaram no corpo as mesmas chuvas, tiritaram as mesmas neves, tragaram os mesmos montes e as mesmas inquietações. Após aquelles vinte dias de marchas, cortadas pelos combates de Vinhaes e de Cazares, os pés inchados de trilhar a pedrilha e a urze das serras, quando não patinhavam a baixa alagadiça, áquellas centenas de portuguezes nada os consolava da breve tregua dos seus trabalhos.

Vinte dias de provações e privações, com dias de quinze horas de marcha, e uma codea de pão,—e o que elles pediam não era a enxerga enxuta ou o calor d'um caldo. A sua tristeza era aquelle «alto» de dias, era parar, era estacar, era a columna fraccionar-se, era recuar, quando tudo, a familiaridade com os sacrificios e a impaciencia da lucta, o que lhes pedia era avançar, avançar, avançar.

No emtanto a esperança ia com elles a dizer-lhes: «D'aqui a dias, tornaes a entrar em Portugal!»

Joaquim Leitão.

A opinião publica em França

Um d'estes dias n'um dos orgãos do partido radical lia-se a seguinte curiosa phrase:

«estamos assistindo no paiz a um movimento de mau sentido, um movimento *nacional*.»

Quasi na mesma data o *Times* dizia que nunca um paiz livre dera mais explendido exemplo do que o movimento admiravel da opinião que em França se vem pronunciando ha umas semanas para cá.

O que o determinou?

Já por mais d'uma vez aqui n'este mesmo logar lhe fizemos notar os prenuncios e claramente indicamos a lucta travada entre o parlamentarismo representando o sectarismo radical e a nação. O *sobre-armamento* allemão produziu a crise. Tanger fôra a humilhação, Agadir o despertar, agora o sacudir do regimen que taes ameaças tornou não só possiveis mas irrespondiveis. A França não quer mais e em frente á nova lei militar que dá ao Imperio um effectivo permanente de 800:000 homens tambem quasi permanentemente mobilisados, do lado de cá dos Vosges, n'um admiravel resurgimento do velho espirito militar da raça, todos á uma, do mais elevado representante da intellectualidade franceza ao ultimo dos *paysans*, pronunciam a phrase que define agora a situação: «*Il faut en finir!*»

Um resurgimento! Tal é o espectaculo que aos nossos olhos curiosos e interessados diariamente se offerece na grande capital onde tão fremente palpita o coração lativo. Com que intimo jubilo vemos succederem-se os signaes de saude n'um organismo que parecia ha bem pouco ainda cahido n'uma lethargia d'onde não havia despertar; como saudamos o caminhar da França para a gloriosa estrada da sua tradição historica! E tão forte é o movimento, tão poderosa a corrente, que acabará, crêmos bem, por arrastar a propria maioria, apezar da lucta tenaz e desesperada travada na commissão de guerra da Camara dos Deputados contra a lei dos tres annos, ou na batalha do Senado contra a representação proporcional.

A lei dos tres annos, isto é, o serviço militar na fileira do exercito activo durante *tres* annos em vez dos dois da lei actual, é a fórma unica, na opinião unanime do Conselho Superior de Guerra, de responder á lei militar allemã.

Conforme com esse voto, o governo apresentou ás Camaras um projecto de lei, já acceite de facto pelo paiz que amanhã o vae impôr, mau grado a opposição de Mr. Jaurés, de Augagneur e do general (?) Pedoya; o primeiro d'estes opposicionistas é por demais conhecido; basta saber uma opinião d'elle para se ficar certo que o interesse nacional está no contrario; o segundo foi mandado pelo Combismo para Madagascar, destruir a obra de Gallieni; o terceiro mais conhecido por presidir reuniões maçonicas do que pelas suas campanhas, e tem uma mentalidade *scientifica* que corre parelhas com a do senador Nunes da Matta. Pois tendo a commissão de guerra quarenta e tantos membros, ainda não se resolveu a dar parecer favoravel, tendo perdido o seu tempo a ouvir estes tres opposicionistas dizerem toda a casta de dislates militares ou apresentarem ao Ministro da Guerra questionarios a que elle não póde por fórma alguma responder, sob pena de revelar segredos que interessam a mobilisação. Nem se argumenta com o *segredo* da commissão, porque Jaurés teve o cuidado de annunciar na *Humanité* que discutiria alli todas as informações que o ministro fornecesse.

Não esqueça que o apresentar do projecto de lei no Palacio Bourbon foi recebido pelos socialistas e unificados com clamores de furor e exclamações de «Abaixo a Reacção! Abaixo o Imperio.» A Reacção sabemos nós que é em geral o nome dado a tudo quanto representa o interesse da Nação em opposição ao da seita. O Imperio tambem sabemos que cahiu, arrastando na queda o desmembramento da França, precisamente porque a opposição do Corpo Legislativo recusou em 1867 os meios para tornar viavel a lei do Marechal Niel. As exclamações da opposição actual são portanto dignas de registo e tem um importante significado historico.

Mas a lição do tempo que não aproveita ao Sectario, calou no Paiz. E este não quer correr n'uma guerra com a Allemanha a aventura a que o Imperio foi forçado.

Emquanto na Camara dos Deputados se manifesta por esta fórma a hostilidade a um projecto de lei de verdadeira salvação publica, no Senado fere-se rija batalha contra a Representação Proporcional. E percebe-se que o Sectarismo

jacobino ahi trave uma lucta a fundo. Nunca essa Alta Assembleia teve no seu voto tamanha importancia. Até agora, em regra, o Senado limita-se a approvar o que vem da Camara dos Deputados com mais ou menos formalidades. Mas o Combismo fez da lei o seu reducto, transformando o Palacio do Luxemburgo n'uma especie de asilo dos Deputados Reformados. E o Senado tem hoje na sua mão a sorte da lei eleitoral. Mas não é só isto: abrindo a crise ministerial, compromette o voto da lei dos tres annos, especialmente odiosa ao Combismo auctor e pae da lei actual que democraticamente aproximou o Exercito francez das milicias suissas quando era ministro da guerra um corretor da Bolsa! E estabelece entre as duas Camaras um conflicto sem precedentes porque a grande maioria da Camara dos Deputados votou a Representação Proporcional.

Como se este imbroglio não deliciasse já por si só bastantes homens d'Estado e parlamentares do estofo de Mr. Combes ou Mr. Pelletan, tem ainda a satisfação e o jubilo de collocar o Presidente da Republica directamente em cheque, por isso que foi Mr. Raymond Poincaré, Presidente do Conselho, que conseguiu da Camara dos Deputados o voto da lei eleitoral, e que é Mr. Poincaré que a França levou á Presidencia da Republica, *contra o voto d'elles*, para executar uma obra de resurgimento nacional, cuja base é agora exactamente a lei dos tres annos. Está ou não está cada vez mais aguda a lucta entre o Parlamentarismo e a Nação?

A Imprensa Republicana independente, com o *Temps* á frente, é unanime, apezar da diversidade dos seus matizes, em aconselhar o governo que ande para diante. A *foorma* que tanto preoccupa os Bridoison parlamentares, poderá soffrer com isso, mas o Paiz quer viver e quer que o defendam. E tambem quer ter a liberdade das suas crenças.

Ainda ha talvez dois mezes aqui notavamos o voto da ordem do dia para exemplos sobre uma moção de Maurice Barrés a respeito da Conservação das Egrejas; pois agora acaba de ser votada uma emenda ao orçamento organisando os meios necessarios para esse fim. E a *defeza laica* com que tanto se contou para distrahir o Parlamento dos interesses nacionaes, só vém mostrar que nunca os seus defensores tinham estado mais longe do pensamento e do sentir do Paiz. Não é já o futuro da sua escola, em defeza da qual se sacrificaram desde 1901, *dez mil* escolas livres e que nem assim consegue progredir; é o presente, o estado actual do partido e da seita que os allucina. Percebem e sentem-n'o minado por toda a parte, esmagado sobre o peso dos seus erros, vergando sob o desprezo publico, dividido entre si, vazio e ôco de ideias de governo, cheio de parvoiçadas maçonicas sob as quaes se estiolam todas as virtudes d'um povo, todas as energias d'uma raça.

Mas a raça despertou. E o despertar resente-se por toda a parte. Desde o *Servir* do Savedan que logo no titulo é a negação das doutrinas correntes ainda ha pouco, até á mentalidade da mocidade d'hoje, na sua maioria religiosa, patriotica, tradicionalista. No outro dia ainda, milhares d'estudantes de Paris, de todos os matizes politicos, desfilaram em silencio. Saudaram em silencio a estatua de Joanne d'Arc, em silencio foram coroar a estatua de Strasburgo. Unida no mesmo sentimento patriotico, sentindo a patria ameaçada, quer obrigar, e obrigará os governos a ser *nacionaes*, a attender aos interesses do Paiz, pondo de parte a vantagem do partido. Ha alguma coisa mudada na França da Terceira Republica: está fallando a *opinião publica. Auspicium melioris œoi!*

Paris, 15 de Fevereiro.

Ayres d'Ornellas.

Caminho de ferro de Quelimane

Um projecto ruinoso

Falla-se agora outra vez na construcção do caminho de ferro de Quelimane, e as noticias que a imprensa de Lisboa tem publicado sobre o assumpto indicam que a realisação da obra está decidida ou vae sel-o em breve. Pois bem, decidida ou não, é preciso que tal obra não seja iniciada, que sobre a sua concessão ou sobre a sua construcção se não firme contracto algum, porque o projecto é absurdo, indefensavel, ruinoso — e immoral: por esta fórma o denuncía, subscrevendo as suas affirmações com todas as letras do seu nome, quem, tendo tido a honra de haver sido de facto o ultimo governador monarchico da colonia, por tres estiradps annos que ainda não vão longe, se acha com elementos para expôr a fallacia da pretendida obra de fomento colonial e sente em sua consciencia o dever de fazel-o.

A ideia da construcção da linha a que, sophisticamente, se convencionou chamar o caminho de ferro de Quelimane, já é muito antiga. Não detalharemos a sua origem nem as variantes por que tem passado, porque, emquanto fôr dispensavel, evitaremos atacar personalidades: por hoje só frizaremos um facto digno de immediato, destaque que é o de a ominosa monarchia se haver sempre recusado a decretar aquillo que a redemptora republica se prepara agora, como parece certo, a sanccionar.

De uma maneira abreviada temos a dizer o seguinte: O caminho de ferro de Quelimane não é planeado, como poderá suppôr quem desconheça as condições locaes, com o intuito de se promover o desenvolvimento da Baixa-Zambezia portugueza: o seu verdadeiro objectivo é servir, á nossa custa e com encargos ruinosos, a colonia ingleza do Nyasaland Protectorate — isto é, precisamente aquella região, marginal do lago Nyassa e do rio Chire, cuja posse a Grã-Bretanha nos disputou e arrancou em 1890. E os motivos que teem levado bastante gente a patrocinar a desastrada ideia ressuscitando-a periodicamente não são, na sua generalidade, nem santos nem sequer puros. Agitam-n'a os inglezes do Nyasaland, porque querem que, á nossa custa, lhe proporcionemos a commodidade e as vantagens de um caminho de ferro da sua internada colonia para o littoral portuguez. Barafustam em favor do projecto numerosos portuguezes, uns porque querem a concessão da empreza, com garantia de juros pelo Estado é claro; outros, interessados em Quelimane, porque antevêem maneiras varias de fazerem não pouco dinheiro com uma obra que custará mais de 4:000 contos de reis de uma assentada, e alguns ainda, da cathegoria das pessoas influentes, porque com a concessão do emprehendimento ou com a adjudicação das obras, com a expropriação de terrenos, com a nomeação de funccionarios, etc., terão occasião de prestar favores cuja retribuição, por uma fórma ou por outra, sempre virá a ter o seu dia. Tempo houve, é verdade, em que um pequeno mas valioso grupo de devotados coloniaes defendeu a construcção do caminho de ferro de Quelimane com toda a boa fé, suppondo que patrocinava uma util obra de fomento; mas esse grupo, depois que dois dos seus sobraçaram a pasta do Ultramar e um terceiro governou a Zambezia, ficou conhecendo melhor o assumpto e reformou sobre elle os seus pontos de vista.

*

Nos seus traços mais geraes, as fortes objecções que se apresentam, ao espirito de quem conhece bem a materia, são as seguintes. A exploração do caminho de ferro de Quelimane não poderia deixar de ser verdadeiramente ruinosa para as finanças da colonia, porque o custeio da linha seria umas poucas de vezes superior ás receitas que ella viria a fornecer. O caminho de ferro, prompto a funccionar, custaria para cima de 4:000 contos de reis ou seja, na base da linha da Suazilandia, aproximadamente 200 contos de reis por anno, durante 60 annos, como encargos do juro e da amortisação d'esse capital. Mesmo que viesse a ser tão bem administrado como o caminho de ferro de Benguella o tem sido pela empreza particular que o está construindo, as despezas annuaes da sua exploração não poderiam ser sensivelmente inferiores a £ 338 por kilometro (que foi quanto custaram as do de Benguella emquanto teve uma extensão quasi egual — vide relatorios da Companhia) o que daria 380 contos de reis para os 225 kilometros da linha de Quelimane. Total annual da despeza — 580 contos de reis.

Que algarismos nos apresentam na contra-partida as receitas provaveis? Vejamos. Em 1911 o valor total das importações e das exportações do Nyasaland foi de £ 240:000 correspondentes ao movimento de 9:000 toneladas. Parte d'esse trafico realisou-se com a Rhodesia e com os territorios portuguezes marginaes do Zambeze; mas não nos detenhamos com isso e admittamos que todas as 7:700 toneladas da importação assim como todas as 1:300 toneladas da exportação provieram do littoral ou a elle se destinaram. Seria ainda assim preciso que cada tonelada pagasse 64$000 reis de frete ao projectado caminho de ferro para que as despezas d'este ficassem meramente cobertas. Póde acaso pensar-se, sequer, em exigir tal frete? De maneira alguma. As tarifas maximas a estabelecer seriam de £ 2 por tonelada para a carga ascendente e de £ 1 por tonelada para a descendente. A sua applicação daria uma receita total maxima — e já mostramos que o calculo é exagerado — de 83 contos por anno, a qual, comparada com os 580 contos do custeio, nos revela um *deficit* de 497 contos de reis por anno.

Omittimos no computo a receita proveniente dos passageiros, porque em todo o territorio do Nyasaland, que pessoalmente visitamos ainda não ha tres annos, existem apenas 587 individuos europeus de ambos os sexos e de todas as idades, dois terços dos quaes são funccionarios publicos e missionarios. Quem estiver para isso que se dê ao entretenimento de calcular as migalhas que poderão advir das viagens de tão exigua população: quanto a nós quer-nos parecer que o rendimento das suas passagens não chegaria para pagar aos revisores dos comboios.

*

Objectam os optimistas que, com o caminho de ferro construido, a colonia ingleza se desenvolveria rapidamente. Somos, decididamente, de opinião contraria, por muitas razões que nem indicadas podem ser em um artigo de jornal, mas que já em livro expuzemos. Ha porém mais a notar a proposito da hypothese. Seria mistér que o movimento commercial do Nyasaland septuplicasse para se annullar o desequilibrio das receitas com as despezas. Emquanto tal se não verificasse — e os mais delirantes visionarios concordarão em que levará seu tempo — a desgraçada Zambezia portugueza, territorio cujas receitas totaes apenas attingem uns 350 contos annualmente, iria accumulando *deficits* á razão de 500 contos de reis por anno.

Allegam tambem as mesmas excellentes pessoas que a construcção da linha muito valorisaria os territorios portuguezes que atravessasse. Completa fallacia. Que ideia tem essa gente das realidades da politica ferro-viaria no sub-continente africano! Desconhecem ainda que o rail não póde promover a fortuna de um paiz *se n'elle não existir ou para elle se não encaminhar uma adequada massa de população* — o que é de todo em todo o caso da Zambezia. E tendo a entrar-lhes pelos olhos a lição dos factos que lhes patenteia o abandono em que continuam a jazer, sem uma quinta, sem uma casa, sem uma plantação, todos os milhares de leguas quadradas dos territorios cortados pelas linhas de Lourenço Marques, da Suazilandia, da Beira, de Ambaca e de Benguella, algumas das quaes já estão acabadas ou com extensos troços sob exploração ha uma data de annos, deliram agora com a valorisação do deshabitado Alto-Marral e do resequido Massingire!

Hão de ir longe as colonias, com os coloniaes d'este calibre...

Londres, março de 1913.

Eduardo Lupi.

Chronica militar

Paris, 12 de Março de 1913.

Janina!

Ora aqui está um nome, que é um symbolo...

E quer saber o leitor o que esse symbolo quer dizer na simplicidade épica das suas seis letras?

Ora então ouça:

Uma nação pequena, de grande passado classico, tinha luctado nos principios do seculo passado pela sua independencia com uma tenacidade e um heroismo, que haviam feito despertar a Europa n'uma nova cruzada de fé. Nomes illustres haviam patrocinado a sua causa com o vigor do seu talento ou com o sangue generoso das suas veias.

Essa nação pequena, iamos dizendo, a certa altura, n'um declinar rapido, que quasi fazia pensar na *fatalidade dos destinos cumpridos*, teve o *virus anarchico* e politico a roer-lhe as fibras mais intimas do seu sêr, viu o Exercito a braços com *Juventudes* dissolventes, viu emfim perigar a sua independencia, perante a desorganisação interior e o significativo desprezo externo.

Essa nação foi a Grecia...

A *revanche* de Larissa parecia já um sonho irrealisavel...

O *pronunciamento Joven turco* de Athenas atirára com os seus Principes cheios de prestigio para fóra do serviço *activo* e *effectivo* do Exercito. A politica de grupêlhos, de *coteries*, de *lojas*, sectaria, feroz e intolerante, assaltára as unidades, separára os officiaes, escangalhára a camaradagem, aluira e derruira tudo.

Ninguem se entendia. A' bocca cheia se fallava em Republica, no Rei Jorge já quasi embarcado a bordo de qualquer transatlantico e posto com dôno — elle, a Rainha, o Diadóco, o Principe Jorge, emfim toda a Familia Real — e com este discurso *grato* e carinhoso de despedida:

«Vá para o pé do seu papá e manos e deixe-nos o logar vago, porque nós... queremos escoucear-nos á vontade, em cordeal fraternidade, uns aos outros...»

Mas afinal os gregos, por muito tontos, que andassem da cabeça, ainda assim tiveram força para se aguentar no balanço e para não fazer o mesmo que outros *tontos* povos d'essas Europas, n'uma maré de sandice, levaram a cabo para a maior gloria do... Supremo Architecto do Universo...

A Familia Real, por seu lado, teve a grande energia moral de deixar passar o *febrão* da *malaria* e esperou por melhores tempos, que, em *taes circumstancias*, vem sempre — com o decrescimo e completa extinção d'estas *epidemias sociaes*.

Ainda e sobretudo a imbecilidade, a cretinice *Joven turca* não teve a força

e audacia sufficiente para assambarcar a situação. Aos *Bébés*, içados a Moltkes de tres ao vintem, com cordões dourados e grandes phrases democraticas, não foi dado metterem — como desgraçadamen te succedeu em outros *tontos* paizes do Extremo Occidente da Europa— nem prégo nem estôpa para o caso, ou antes a sua acção foi muito restricta.

Todavia a situação era muito pouco invejavel.

Foi então que surgiu para a Grecia um homem providencial: Venizélos.

Energico, intelligente, cheio de bom senso e de caracter, estadista emfim, resolveu metter hombros á obra de salvação da sua terra.

E para principiar foi-se ao Exercito — base absoluta de toda a ordem e progresso de um Estado—e viu que n'aquella massa inorganica, prestes a transformar-se em multidão desordenada, muito havia a aproveitar.

Mas, primeiro que tudo, viu que era preciso disciplinar a tropa. O official grego, cousa curiosa, nunca havia perdido o seu prestigio na massa da nação, nem sobre os seus subordinados.

Providencial acaso, sem duvida!

As *cabeças nacionaes* é que parece não eram boas ou, antes, talvez, haviam perdido a *força moral* imprescindivel para manter a ordem e a disciplina e a cohesão no meio da força armada.

Que remedio, pois, a dar?

Evidentemente mandar *vir de fóra* quem, com força, com tacto, com criterio e intelligencia e imparcialidade, podesse levar a cabo a obra de saneamento e de aperfeiçoamento do Exercito.

E uma missão militar franceza, com um general distincto á sua frente, o general Eaidoux, foi encarregado de reorganisar o exercito hellenico.

E ninguem accusou Venizélos de intervenções estrangeiras nem de dislates parecidos...

O que se viu é cada qual ser apreciado conforme *valia* e *merecia*.

O que se viu foi o exercito ser dotado de bom material em substituição do anachronico que lhe estava distribuido. O que se viu foi a mobilisação, o recrutamento e todos os grandes problemas militares serem olhados a serio e a valer.

Tinham acabado as *igrêginhas*.

Que importava lá — que o senhor capitão Fulano ou o senhor tenente Cicrano se houvessem *notabilisado* pelas suas ideias *liberaes*, ou pelos seus serviços de *delação e espionagem*?

Evidentemente, com estes predicados, negação absoluta de tudo o que seja brio e decôro militares — eram muito recomendaveis para serem postos, por *distincção* no olho da rua.

Rua, pois! Rua, rua com elles...

Assim conseguiu a Grecia ser gente e entrar como valor apreciavel, mesmo *redoutable* no actual conflicto dos Balkans.

Assim se vence.

E as nações, que olham para o seu Exercito, como brinquedo de *Bébés-Moltkes* e lhe enfiam o primeiro figurino *suisso*, que lhe vem á mão — essas fazem o possivel... por morrer...

Para uma Patria, em hora critica, se salvar, é preciso que, acima de tudo, os seus filhos tenham os fóros de cidadão — *a que tem direito* — e não sejam miseravelmente tolerados, dentro da sua terra, por uma oligarchia despotica e desauctorisada, sob todos os pontos de vista.

Ainda mais:...

Que o pedaço de panno, que, agarrado a uma haste, vae a symbolisar a Patria, seja tambem aquelle que represente a sua augusta tradição, cheia de gloria e aureolada pelos sacrificios e pelos soffrimentos dos que por ella se arriscaram — e não as côres inexpressivas, inestheticas, absurdas e odientas, que uma *philarmonica* impoz ao Paiz, n'uma hora de fraqueza e de medo.

Mas voltemos á nossa Grecia...

Comprehende-se bem que eu não estou a discutir, technicamente fallando, o que o Exercito do Diadóco fez de bem ou fez de mal n'esta campanha.

E' cedo ainda para avaliar.

Eu só desejo accentuar — mas isso com a maior força da minha convicção — é que a Grecia, paiz que se dizia *perdido* ha meia duzia de annos, se salvou porque teve patriotismo e senso commum e força bastantes para dizer á Desordem:

— Basta!

E *bastou*...

Ao entrar triumphalmente em Janina, ao receber de Essad-Bey as chaves da velha fortaleza mussulmana, com que justificado orgulho não rememoraria o Diadóco, as paginas dolorosas da vida da sua Patria — e as suas tambem!...

E, como elle e com elle, o Rei e todos os da sua Casa, não estão bem e gloriosamente vingados das injustiças e das affrontas passadas, ao vêr os seus soldados victoriosos palmilhar aquelles mesmos campos de Larissa, cheios das visões tragicas de 1897!

. . . . . .

Li outro dia que Venizélos, ao annunciar ao Parlamento a entrada das tropas em Janina, *chorava*.

Com elle e como elle, n'uma d'estas crises collectivas de lagrimas, que o momento justificava, os Deputados, de pé e n'um silencio solemne, sentiam as faces molhadas pelo pranto!

Bemditas e abençoadas lagrimas as que se choram pela Grandeza e pelo triumpho da Patria!

Tristes lagrimas, dolorosas lagrimas, lagrimas amargas as d'aquelles que — tendo tudo sacrificado para tambem salvar a sua — ao menos, não podem e *não querem* ser accusados de connivencia e de solidariedade... na sua perda!

Saturio Pires.

Entrevista com Arthur Meyer

A invasão do americanismo em França. — A corrupção da côrte de França e a aristocracia da provincia. — O que foi e o que seria uma guerra. — A America: advertencias do Supremo. — O jornalismo: O "Figaro,, o "Gaulois" e os jornaes illustrados.

Se se disser: Arthur Meyer, director do «Gaulois» é pouco. Mas dizendo: o «Gaulois», director Arthur Meyer, é tudo. E relembrar que o «Gaulois» representa, n'esta França contemporanea de negocios, de *golfs* e de *bridges*, o salão, a galantaria francêsa que o vento da Revolução interrompeu quando Corneille estava a beijar a mão de madame de Sevigné e que a primeira emigração restituiu ao Imperio mas que este repelliu, desconfiado, exilando mesdames de Stael e de Récamier. E' recordar que o «Gaulois» tem obrigação de saber conversar com o publico, como o seu director sabe conversar com senhoras e com os primeiros genios da litteratura e da arte franceza.

O vôvô Meyer

Porque Arthur Meyer é a reliquia sobrevivente d'uma geração que teve alegria e teve talento, teve espirito e teve gestos, ainda soube ajoelhar deante d'uma *bergère* fazer visitas, conversar, amar e crear obras primas.

Foi a geração de Dumas, de Gauthier, de Sainte-Beuve, d'Emile de Girardin, dos Goncourts, de Flaubert, de Sardou, de Rénan, de Delacroix, de Coppée, de Daudet.

Eram os homens capazes de se arruinar n'uma ceia, e de conservar uma vida inteira uma amizade.

Os homens de hoje conservam as amizades o tempo d'uma ceia, e gastam a vida inteira a tentar enriquecer.

Não teem talento: teem automoveis.

Sem personalidade, copiam-se uns aos outros. O mesmo ideal e o mesmo typo. Um caricaturista registava ha pouco esta monotona falta de caracter, reproduzindo varias mezas d'um restaurant chic: a todas as mezas estava sentado o mesmo cliente, de bandós á americana, cara rapada, a espinha amollecida, o fastio da época a aguar-lhe o olhar.

Os rapazes da geração de 1860 — *os ultimos que conheceram a alegria de viver* affirma Meyer no seu encantador *Ce que je peux dire*, livro donde se evola o perfume de muitas saudades —, os homens d'esse tempo, em que ainda não havia corridas em Vincennes nem a gazeta tinha o diario mundano, eram personalidades.

Crearam um typo de cabello e de barba, e defendiam-o como se fossem as suas idéas e os seus systemas. Cada um tinha, porém, a sua pessoalidade bem marcada, sem deixarem de ser homens do seu tempo. Arthur Meyer é d'esse tempo, e muito do seu tempo, é uma personalidade, um typo, é muito elle.

As suas suissas brancas, com um bigode em travessão, a sua sobrecasaca preta sobre alegres pantalônas aos quadrados, dão-lhe um ar de avô, janota mas grave, velho mas limpo, elegante mas serio, veneravel mas attrahente.

A sua figura, retesada por uma consciencia de que viveu e vive dignamente a vida, attrahe logo. Esse cuidado no vestuario é bastante inculca.

Um homem novo que trata de si, é apreciavel; mas um velho limpo, com energia bastante para dar um bom nó n'uma gravata, cravar uma perola n'um pedaço de setim preto, isso é só por si um attestado de que n'elle a toilette se tornou uma especie de expressão.

O vôvô Meyer tem esse merito. A discreção requintada com que se veste, as suas maneiras, a sua convicta preferencia pelo passado, denunciam-se na delicadeza da sua penna. N'estes tempos de americanismo e sem-cerimonia, Mayer affirma-se um forte temperamento na coragem com que persiste homem de mundo e parisiense. É uma coragem que não fica a dever nada á de François Coppée sendo catholico e ostentando-o.

Tudo n'elle é d'outros tempos: a sua figura desenxovalhada, e os seus modos. Pede-se-lhe uma conferencia, marca-a, e, emquanto os homens de negocios nos ficam aguardando a uma horrorosa escrevaninha de *pitch-pine*, com uma machina de escrever e uma machina de dictar, e um telephone ao seu lado, Meyer vem esperar-nos ao corredor que leva ao seu gabinete directorial.

E' facil, e a gente não deixa por isso de o sentir grande.

—Gratos tempos e que linda devia ser a França do seu tempo!...

—Não tenha pêna de a não conhecer, porque é signal que não é velho! responde Arthur Meyer.

—Oh! mas este americanismo vivendo a vida a galope, em automovel, a 80... annos á hora, é bem menos agradavel que a sua época. E o sr. Arthur Meyer é o proprio a queixar-se da invasão do americanismo, no seu delicioso *Ce que je peux dire*.

As qualidades do povo Francês

—Pois, sim, mas eu não me insurjo, é preciso notar, contra o estrangeiro que quer participar da nossa civilisação, embrenhar-se n'ella, levar d'ella o que possa ter de bom e de agradavel. O que ha a lamentar é a corrupção. Nós vivemos uma hora de corrupção, estamos n'uma phase de transição. A França foi sempre corrupta? Não. Havia uma certa camada, em volta da côrte, que era corrupta, uma pequena parte a nobreza de provincia, parte insignificante que não era d'uma virtude excessivamente rigida, mas na sua maioria a nobreza e a burguezia da provincia eram exemplares. Mas o que era e é são, o que se mantem com todas as suas qualidades nativas, forte, bom, são, são, é o Povo. E emquanto um paiz tem a fortuna de encontrar ao fim de seculos de civilisação o seu Povo, em plena saude d'alma, esse paiz está bem. Era vêr agora, ahi para fóra, no campo, como o Povo Francês fallava quando se debatia o accordo marroquino. Sabe o que dizia o povo? Ah! *nous avons assez des prussiens! vamos a isso, estamos fartos de ameaças! Sempre a dizer que veem, que veem, pois deixal-os vir com os demonios!* E se houvesse uma guerra essa gente toda, a França inteira atirava-se para a frente.

E com um arrepio de melancolico pavor:

—Ah! uma guerra! o que seria hoje uma guerra!... Nós não sabemos o que é uma guerra. D'antes, a guerra era uns milhares de soldados mercenarios que iam para a fronteira; pouco ou nada se sabia do que lá se passava; de vez em quando vinham noticias, victorias quasi sempre, e nós em Paris illuminavamos! Mas a vida continuava, nada parava. Ah! hoje a guerra não seria só um cemiterio na fronteira e illuminações em Paris. A guerra não seria feita por mercenarios, interessaria, levaria todas as classes, todo o territorio a sentiria, a vida paralysaria. Seria medonho!... O povo francês, porém, sabe-o, mas não treme! E' o que nós temos de melhor em França: o Povo!

—Esse despertar da consciencia da sua Patria, sente-se bem. O estrangeiro não conta talvez, com esse estado de espirito da massa; mas os governos francezes, sem se tornarem provocadores, elles que decerto se aperceberam já d'isso, devem saber que podem contar com o Povo.

Déroulède e Boulanger

—O Povo não falhará á França, póde sempre contar-se com elle. O que falhou no boulangismo e no nacionalismo não foi o Povo ao Boulanger, nem o Povo ao Déroulède: foi o Boulanger que falhou ao Povo, foi o Déroulède que falhou ao Povo.

—O que é feito do seu amigo Déroulède? Retirou-se?

—Não. Déroulède está na espectativa. Espera a occasião de intervir; convencido de que a França ha-de precisar d'elle, espera que ella o chame. Elle não se lembra que tem... elle é mais novo do que eu; o Déroulède deve ter 62 annos; mas não dá por isso, e a verdade é que as gerações vão vindo, já mal o conhecem, elle vae ficando, elle já está na penumbra. Na penumbra? O Déroulède está já no Pantheon, no Pantheon! ahi tem. E teima em querer descer os degraus do Pantheon.

—E' muito interessante, o Déroulède! conheci-o e entrevistei-o em Lisboa.

—Oh! é encantador! tem um unico defeito de que não se apercebe e que eu lhe tenho notado a elle mesmo: é ambicioso. Mas elle não o sabe, não acredita. Suppõe que póde ser util á França, e podia, e muito, e que na sua intransigencia não ha o seu defeito. Ah! tenho-lh'o dito a elle mesmo, estando elle ahi sentado n'essa cadeira onde o senhor está agora: *«Meu querido Déroulède! Se quer ter um «rang», nunca o terá! Se quer ter um «rôle» na historia da França, tel-o-ha quando quizer!»*

—Voltando á nossa conversa. O sr. Arthur Meyer tem fé no Povo francês que conservou sãs e fortes as virtudes da raça. Não se arreceia então do «americanismo» que invade as camadas superiores, Paris principalmente? Mas eu vejo uma tal admiração pelo dollar!... E' um perigo. Não digo que seja já uma decadencia, mas é uma brêcha!... Que se estime a America e a actividade americana, comprehendo; que se admire, inveje e imite a America, não!...

—A America para nos absorver precisava primeiro que tudo de ser uma civilisação. Ora a America é por emquanto um amontoado de raças que fermentam. Quando d'aqui a um ou dois seculos, d'ahi se fizer uma raça, um povo, que tenha os seus costumes proprios, todas, ou identicas, as nossas virtudes, e que á corrupção que ella já tem haja ajuntado a que tombu de nós, então, sim! Por agora, a America é apenas um agglomerado de raças e de cidades, com qualidades de trabalho respeitaveis, por certo, creando obras gigantescas, mas... O homem não é, crê-se um gigante, e é afinal um verme. Cria o *Titanic*, suppondo-se gigante, e o Suprêmo dá-lhe para baixo... A America está resumida no *Titanic*.

—E este jornalismo á americana com a sua febre de reportagem, as suas paginas pejadas de gravuras?

—Oh! isso não são jornaes, são prospectos! protesta, com toda a vehemencia d'um velho-guarda da tradicção, Arthur Meyer.

—O que deve ser na sua opinião, o jornalismo?

—O jornal deve: distrahir, educar e esclarecer.

—E dirigir... não?

—Dirigir! Nós, os jornalistas não dirigimos coisa nenhuma. Não somos nós que dirigimos os leitores, os leitores é que dirigem o jornal. Ah! então, os meus leitores! Elles não me perdoam nada, não me passam por nada. O «Figaro» — é um jornal muito bem feito, e eu gosto muito do Calmette —, o «Figaro» é muito mais feliz do que o «Gaulois». Mas, porque? Porque não tem uma clientela. Tem muitos leitores, e merece-os, tem uma boa tiragem, mas não tem uma clientela. Faz o que quer, e como quer, e o publico permitte-lhe tudo. E' a differença que ha entre uma mulher legitima e uma amante!...

E, com essa linda phrase, o director do «Gaulois», ainda teve a galantaria de accrescentar esta outra:

—Venha-me vêr!

Se a ante-camara do «Gaulois» não estivesse todas as tardes cheia de senhoras, de homens, de mundo que espera o momento de cumprimentar Arthur Meyer, com que fidelidade eu frequentaria o salão do «Gaulois», com que prazer eu iria revêr-me no vôvô Meyer, — a evocação da França que a figura querida d'outro avô, o meu avô materno, me ensinou a amar!

Mas, se não fosse uma dura palavra, eu diria d'aqui a Arthur Meyer que elle se enganou, ao affirmar-nos, nas paginas do *Ce que je peux dire*, que o salão expirára em França no dia em que a *Dama das Violêtas* se recolheu ao cemiterio de *Montmartre*.

Em Paris ha ainda pelo menos um salão: o «Gaulois», o salão de Arthur Meyer.

Simplesmente é um salão onde não se conversa, — escreve-se.

E, quem vae para conversar, estorva.

Joaquim Leitão.

Os bons tempos da tropa

Um «retaldatario»

Ao E.

N'esse dia tratava-se na «theoria» de *graduações* e *postos militares*. Foi, está claro, logo nos primeiros dias da instrucção de recrutas ahi por meiados de novembro, e a scêna passa-se n'uma velha caserna dos *Quarteis velhos* do Castello de S. Jorge, logo ao pé da *Casa de Ensaio* da Banda, onde o Costa Braz preparava quotidianamente e com amôr os 43 *ordinarios* e *passa-calles* variadissimos, de molde a agradar a todos os paladáres...

Grande Costa Braz! Que paciencia evangélica elle tinha para nos aturar... E que saudades da magnifica banda, que era a do nosso batalhão!

Mas adeante...

Pois a *theoria* dava-se n'essa caserna, transformada, desde havia uns annos, em aula de leitura para soldados— o antigo «Curso Elementar», creado por Vasconcellos Porto, na sua remodelação das *Escolas para praças de pret.*

Umas mezas compridas, umas bancadas longas, um quadro negro, uma secretária e uma cadeira — eis a mobilia.

Quarenta ou cincoenta galochitos, já todos elles fardados de cinzento, os barrêtes altos e novos com o *5* amarello ao meio, cabeças rapádas á escovinha — eis o auditório de olhos muito abertos, na posição de *sentido* quasi, apezar de sentados... E a gente a matraquear:

— Um capitão tem um galão dourado grôsso... um galão grôsso!...

— Um major tem um galão grôsso e outro fino... um grôsso e outro fino. Tomem bem sentido...

— Olha lá, tu 73, como é que tu conheces um capitão?...

— Saiba *bomecê* que é porque tem quatro *bichas* encarnádas...

. . . . . .

Estava-se a meio da hora de instrucção, quando á porta assoma a figura forte do 98, quarteleiro.

— Vóssoria dá licença?

— Entre lá...

E 98, com a sua costumada cara de lua cheia, sempre a rir, sempre satisfeito, vem direito a nós...

— Saberá Vóssoria, que está lá em baixo mais uma *praça nova*, um «retaldatário...»

— Pois que entre...

— O' meu tenente, mas é que elle não vem em estado de se apresentar deante de gente... todo rotinho e ainda não recebeu fardamento...

E, segredando quasi:

— Vóssoria não calcula a porcaria que elle trazia em cima de si... nunca se tinha lavado! Eu lá o levei á casa de banho e mandei-o até esfregar com a escova. Elle a principio teve frio, mas depois a modos que gostou...

— Bom, deixa lá, manda-o entrar... — interrompi eu, sabendo já que 98, quando começava a fallar, não se calava antes de ter feito um *relatorio* completo.

Bello soldado este 98! O que será feito d'elle?

Explendido servente de metralhadoras, conseguira, sem auxilio d'um livro, porque não sabia lêr, conhecer a fundo o funccionamento da Maxim.

E' claro que alterava a seu bel-prazer todos os nomes da *nomenclatura*. Por exemplo: ao *bloco* de culatra movel chamou sempre *berlóque* e ao *detentor* com sua móla, nunca ninguem conseguiu que elle dissésse que era senão o *redemptor* e a *móla do redemptor*.

Quanto ao resto, um bello soldado!

Mas, vamos ao caso.

98 sahiu e d'alli a pouco voltou acompanhado, dizendo:

—Prompto, meu tenente, saberá Vóssoria que cá está o *hóme*...

E o *hóme* entrou. E entrou todo elle baixinho e *gingão*, com a camisa rotinha desde o peito ás costas, as mangas em tiras, umas calças todas remendos, descalço — uma miséria o pobre diabo...

Os outros olhavam-no meio admirados, meio trocistas...

— Bom, chega-te cá, rapazinho... então d'onde vens tu e o que fazias lá na terra? Olha, senta-te alli ao pé dos teus camaradas.

— Ah! Eu cá vim — respondeu logo o interpelado, sem grande atrapalhação — d'uma aldeia d'ao pé da raia de Bragança e era conductor de gado d'umas minas...

Reparei então n'elle. Era uma cara inconfundivel: um rosto magro e sem barba, zarôlho de ambos os olhos, um nariz formidavel, magrissimo, quasi esquelético.

Pobre diabo!

Continuou-se a *theoria* e d'esta vez todas as explicações eram para o recemvindo, para o pôr a par dos camaradas.

Depois de tudo bem explicadinho e *clarinho que era para soldado*, quasi emfim ao soár o toque *d'alto á instrucção*, resolvi interroga-lo, ao nosso homem:

— Ora muito bem. Tu vens para uma vida nova para ti, não é assim? Como se chama essa vida?

— Ah! Eu cá agora sou militar.

— Ora muito bem...

E eu radiante! Tinha-se já aproveitado alguma cousa.

— Ora agora dize-me lá tu: e o que és tu cá na vida militar?

O nosso homem, entortou mais os olhos, e fitou-me com ar interrogativo.

Eu expliquei-me melhor!

— Sim. Tu cá na *tropa*, has-de ser com certeza alguma cousa do que eu te expliquei ha pouco...

— ?!...

— Bom, dize-me lá... Tu és soldado?

— ?!

— E's cabo?

— E's general?

— ?!

— E's coronel?

Os outros já riam á sucápa. E o nosso homem impassivel.

— E's tenente? E's capitão? E's major?

E logo elle, muito prompto, como quem accérta d'esta vez, os olhos enfiando-se de *certeza* um pelo outro e até com a mão esboçando um gesto, com o dedo espetado:

— Ah! Eu cá sou major!

. . . . . .

Nunca 40 soldados e um official soltaram ao mesmo tempo gargalhada mais estrondosa.

Alguns até choravam...

Lembras-te bem, meu velho, que nunca mais até passar á reserva, elle perdeu a alcunha de *Major!* Era quasi um appellido semi-official...

A ponto do major do batalhão dar serio cavaco, quando nós na parada diziamos em voz alta, ao nosso *heroe:*

— O' Major! Fazes favôr vaes lá acima ao espadeiro e traze-me a minha espada...

E francamente, era para *dar sorte*.

Saturio Pires.

SEMANA MUNDANA

Um pouco de tudo

—De Pau são esperados hoje em Madrid o snr. dr. Manuel Paes de Sande e Castro e sua gentilissima filha senhora D. Maria das Dôres.

— Partiram para o Estoril o snr. D. Antonio Pereira Coutinho, sua esposa e filhos.

— Chegaram a Guimarães, onde foram gozar as ferias da Paschoa, os nossos amigos João Paulo de Mello Sampaio Mexia (Pombeiro) e José Cardoso de Menezes (Margaride).

— Tem estado no Porto o sr. Conde de Agueda.

— Em Madrid é pedida em casamento ámanhã pelo sr. dr. Manuel Paes de Sande e Castro, para seu filho, o nosso particular amigo e illustre collega, dr. Antonio Paes de Sande e Castro, a senhora D. Eulalia Sellés y Rivas (Gerona), filha da senhora marqueza de Gerona e do illustre poeta e dramaturgo snr. marquez de Gerona, da Real Academia Española.

A noiva, gentil e formosissima dama madrilena, é muito conhecida tanto na aristocracia hespanhola, como na portu-

14 FOLHETIM DE «O CORREIO»

A CHICA

O LULU

N'esse anno a primavera era muito fria, e uma noite, ao separar-me da Chica, recolhi a casa com uma tremenda constipação.

Estive tres dias mettido no quarto a espirrar e a escrever bilhetinhos á Chica.

Ao terceiro dia, já bastante melhor, prevendo que no dia seguinte poderia recomeçar os gargarejos, escrevi logo de manhã um bilhetinho a dizer-lhe: *Amanhã á noite, poderei já voar a teus braços. Beijos. Teu Anselmo. Post scriptum. Os meus respeitos á tua tia. Lembranças ao Cazuza.*

Pouco depois o gallego voltava com uma resposta verbal.

Que a senhora D. Francisca não podia responder por escripto, porque estava a dar banho ao Lulu. E que mandava muitas saudades. A dar banho ao Lulu ?!... Quem diacho era esse Lulu que se permittia a liberdade de ser banhado pela Chica, pela minha Chica, emquanto eu para alli estava sósinho em casa a espirrar, a assoar-me e a tomar ammoniaco?

Lulu ?!...

Toda a manhã estive em ancias...

Depois d'almoço mandei outro bilhetinho. *Impossivel estar mais tempo sem te dizer: Adoro-te. Amanhã já vou á repartição e ahi. Beijos. Anselmo.*

O gallego voltou d'ahi por meia hora, com uma nova resposta verbal.

Que a menina Francisca fôra ao passeio da Estrella passear o Lulu, e que a resposta cá viria.

Outra vez o Lulu!...

Passei uma tarde infernal.

Lulu... Lulu... quem seria o Lulu...!

E as horas a passarem... a passarem...

Pela tarde não pude resistir e mandei outra vez o gallego.

D'essa vez a carta, secca e laconica, denunciava o meu estado d'alma: *Quem é esse senhor Lulu? Impossivel esta vida. Amo-te. Teu Anselmo.*

Nova resposta verbal.

Que a menina Chica não podia responder n'aquelle momento.

Não jantei, não dormi, e pela noite adeante tive uma pontinha de febre.

Ao principio aquelle Lulu afigurou-se-me ser algum pequeno da visinhança ou filho de alguma antiga creada.

Mas á medida que o tempo ia passando, talvez porque n'aquella anciedade as horas me parecessem mezes, o Lulu ia crescendo, crescendo, no meu espirito ciumento, e ahi pela madrugada, quando, extenuado, conseguia dormitar um pouco, o Lulu tomára no meu espirito a figura d'um homem de vinte e tantos annos, de bigode loiro, muito frisado, que n'um pesadello eu via passeando nas alamedas do passeio da Estrella, levando pelo braço a Chica, que de vez em quando o mettia no lago dos cysnes a dar-lhe banho, a laval-o com muito carinho.

Com um berro despertei. Era madrugada. Adormeci de novo e de novo em sonhos vi a Chica a lavar o homem de bigode loiro. Não sei como, nem vindo de onde, vi que apparecera de repente, aos espirros, junto da perfida Chica, á beira do lago. A Chica, com um sorriso, olhou-me, depois pegando n'um sabonete continuou a lavar o Lulu, o homem de bigode loiro. A agua do lago pareceu-me sangue. Senti uma vertigem. Ouvi gritos de pavor, berros de afflicção. Desvairado, eu agarrára pelas pernas no Lulu e começára batendo com elle n'uma pedra como uma lavandeira bate roupa.

Furiosamente acabára por enrodilhal-o e, em meio dos gritos espavoridos da Chica, espremia-o na pedra, para de novo o bater como roupa, e de vez em quando, com as pontas dos dedos, tirava um cabello do bigode, que deitava para o lago...

Depois... depois veio uma grande paz, uma grande doçura... e eu vi um regato, serpenteando entre o arvoredo, e a Chica, vestida de saloia, á beira d'agua lavando roupa, pequeninas peças de roupa, camisinhas, cueirinhos, emquanto eu, de grande chapeu desabado, sentado n'uma pedra, levantava ao alto, um bébé rosadinho e fresco, que se parecia commigo, mas que se parecia tambem com o Cazuza. N'uma grande paz, n'um grande consolo, percebi que adormecia, tranquillamente, em meio do campo... E acordei.

Era manhã alta já. O Lulu veio de novo ao meu espirito. Impaciente, expedi o gallego com uma carta. *Isto não póde continuar. Se me não respondes, está tudo acabado. Quem é o Lulu? Anselmo.*

D'essa vez o gallego trouxe uma resposta por escripto.

N'um bilhetinho côr de ervilha, a Chica respondia-me em poucas palavras: *Espero-te esta noite. Não sejas estupido. Tua Chica.*

Soceguei. Ella que me chamava estupido, era porque ainda me tinha amor. Uma senhora não trata por estupido senão o homem que ama, ou as pessoas de familia.

E á noite, tendo enfiado duas camisolas, e vestindo o mais grosso casaco de inverno, fui, com um grande *cache-nez* em volta do pescoço, fallar á Chica.

Ella appareceu-me logo, e, julguei-o eu enternecidamente, como sentia, como se seus fossem, todos os meus males, sentia-se decerto constipada como eu, pois vinha embrulhada n'um grande chale, conchegando ao peito os braços.

O sonho da Chica a lavar os cueirinhos á beira do regato dispozera-me para a ternura, e mal ella se chegou á janella aproximei-me estendendo a mão e os labios. Mas, assim que me cheguei mais, qualquer coisa se lhe remexeu no seio e uma cabecinha de olhos muito vivos surgiu, fazendo desesperadamente: *Beu, beu, beu...*, emquanto a Chica, ternamente, dizia:

— Quieto, Lulu...

Era o Lulu!... E o Lulu, que me atormentára toda aquella noite de ciumes, era um cão, um cãosinho, muito pequenino, que dias antes, quando eu estava doente, a Lemos mais velha dera á Chica!

Só me faltava aquella!... Como se me não bastasse o Cazuza, apparecia-me agora um Lulu para aturar.

Em toda a noite não houve meio de trocar uma caricia, de dar um beijo sequer na minha Chica. Mal eu me aproximava, o estafermo do cão começava logo: *Beu!..., beu!...*

No meu espirito desenhavam-se projectos sinistros. Por momentos pensava em crueldades, em lançar-me aos beijos á Chica, e sorver nos seus labios a doçura do seu amor, emquanto as minhas mãos disfarçadamente lhe iriam estrangulando no seio aquelle cãosinho maldito que surgira agora.

Mas o diabo do cão tinha um rosnar tão petulante mal eu aproximava a mão, que a prudencia fazia-me adiar os sinistros projectos.

Aborrecido, vendo a Chica ir dando ao Lulu as caricias que me pertenciam, observei ironicamente que não tinha remedio senão retirar-me, emquanto o Lulu não recolhesse ao quarto ou se não resolvesse a estar quieto.

A Chica, esboçando já o que seriam as scenas que entre nós se passaram depois por causa do Lulu, respondeu logo irritada:

—Já tu começas de embirração com o pobre animalsinho... coitado!... E' impossivel!

—Impossivel é o cão, observava eu furioso. Dize-lhe que esteja quieto ou põe-n'o lá para dentro, que já eu não embirro... Olha que historia!

O Lulu, já a tomar a defeza da Chica, pudera!, poz-se de novo: *Beu..., beu..., beu...*, a ladrar e a remexer-se todo.

A Chica então teve esta formidavel lembrança:

—Ora adeus!... E' melhor que o leves ahi adeante, que o que elle precisa é ir á rua!

—Hein!...

—Sim... leva-o, pela correia, ahi adeante... E' por isso que elle está tão desinquieto... Mas vê lá, não o deixes fugir...

E estendia-me o estafermo do animal que, talvez por perceber o que aquillo me enfurecia, se prestava, de bom grado, sem ladrar, a vir para os meus braços.

Cedi... E, com o rancor no coração, amaldiçoando a Lemos mais nova que dera o cão, dizendo mal á minha vida, lá andei um bom pedaço d'um lado para o outro, de correia na mão, atraz do Lulu que cheirava por todos os cantos, hesitante, até que em certa altura, se decidiu e parou.

A Chica, lá da janella, olhava enternecida o quadro, e quando eu voltei a puxar pelo animal, que parecia querer sirandar mais, li-lhe nos olhos quanto lhe agradára a minha submissão.

Mal imaginava ella a tragica resolução que eu tomára, lá adeante, quando parára com o Lulu, de correia na mão!...

Anselmo.

gueza, pelos seus dotes de espirito e esmeradissima educação.

Antonio Paes, muito conhecido na alta sociedade de Lisboa e Porto, pertencente a uma das mais illustres e fidalgas familias de Portugal, termina este anno o curso de Engenharia Civil na Academia do Porto.

— Foi pedida em casamento pela senhora condessa de Mesquitella, para seu filho, o snr. D. João da Costa de Sousa Macedo (Mesquitella), a senhora D. Laura Arroyo Athayde Castel-Branco, gentil filha da senhora D. Rita Arroyo Castel-Branco e do snr. dr. João Bentes de Castel-Branco.

No Passos Manoel

Ahi pelas alturas do assado, diz-me o Chico Figueiredo Cabral:—E se nós fossemos esta noite ao Passos Manuel? e a um gesto meu accrescentou:—Sim, anda d'ahi; está lá toda a rapaziada conhecida, vamos vêr os Trombetta... A caminha chamava-me, o comboio partia d'ahi a tres quartos d'hora, mas decidi fazer um sacrificio; e accedi ao convite. Meia hora depois batiamos á bilheteira do animatographo e pediamos duas cadeiras:—Pá prumeira ou pá sigunda? diz-nos uma voz lá de dentro, uma voz roufenha, sahida d'onde quizerem, menos da garganta. Depois de indicada a 2.ª sessão, entramos no Jardim Passos Manuel levando na mão dois papelinhos em que a impressão digital do bilheteiro ia bem gravada no cuspo do mesmo zeloso empregado. Viva a hygiene! E' uma coisa que eu nunca consegui comprehender; a razão porque se prohibe cuspir no chão e não se prohibe que os bilheteiros e porteiros cuspam nos bilhetes, sem os quaes não nos é permittida a entrada. Deve ser algum alto mysterio da Natureza. Bem; largamos o papelinho á entrada e eis-nos no jardim a fingir, porque o outro, o authentico, está lá dentro.

N'esse jardim a fingir passa-se um bocado agradavel; ha musica, que dizem os entendidos ser boa; ha sempre gente de ambos os sexos; muita luz, muita verdura, emfim, está-se bem. A's leitoras de Lisboa e provincias que não conheçam este rendez-vous chic portuense, offereço esta descripção summaria. A' entrada, á direita ha uma escadita de tres ou quatro degraus que dá accesso a uma varanda por onde se vae ter ás fauteuils; n'esta varanda costumam sentar-se, em filas de cadeiras, as pessoas que esperam o começo da sessão; estão a ouvir musica ou a fingir que ouvem; o que é certo é que, vistos de cá de baixo parecem os bonecos do pim-pam-pum das feiras; dá vontade de se lhes fazer pontaria com bolinhas de papel, ou de panno feitas com os guardanapos dos creados. A' entrada, á esquerda fica o bengaleiro e o balcão do café; junto a elle, está uma porta muito larga com a indicação «Reservado»; entra gente a todos os momentos e pela porta entreaberta vêem-se lá dentro, n'um salãosito muito elegante, passar lindas caras, mas muito depressa; é o salão da patinagem. Ha differentes grupos, que aluga cada um d'elles o salão um dia da semana; mas o dia mais elegante, o mais *podre* é a quinta-feira; n'esse dia vae toda a primeira sociedade do Porto, mas o Zé Taveira anda com immensa pena por não ter podido arranjar entrada para o redactor d'«A Capital»; tambem é pouca sorte! Crédo! Está claro que eu, á vista d'isto, nem tentei entrar como redactor d'«O Correio»; pois se nem o d'«A Capital» entrou!?

Em frente da porta de entrada ficam d'um e d'outro lado as portas que dão para o jardim, o authentico; fui vêr; só lá andava um cãosito passeando.

Voltei para dentro e encontrei logo a tal rapaziada conhecida de que o Chico me tinha fallado; lá estavam á espera que começasse a sessão janota, a das dez; lá estava o Ferreirinha, muito pequenino, muito nervoso, de côco á banda, de hombro á banda, de pés á banda, todo elle á banda, em constante equilibrio, piscando os olhos e rindo, rindo muito; pendurava-se do braço do Humberto Mendes Correia que, ao vêr-me, me abraça e me diz: — Oh! tôlo, tambem cá biéste? entre um sorriso que logo se transforma n'uma careta triste, melancolica, de quem tem na alma fel, de quem tem no sangue, agua a ferver contra a humanidade, de quem tem... de quem não tem mais nada, ora, os curiosos!! Atraz d'elles, interrogando-se mutuamente com o olhar, vinham o Acciainoli, abraçando carinhosamente os linguados que iriam encher columnas do «Correio», e o Sousa Pinto, muito triste, uma pilha de nervos, mas sentindo-se pandego n'essa noite; extranhei a sua estada alli e elle, levando a mão á lapela do sobretudo, diz-me, deitando os pés para fóra: — Oh! menino! Estou farto...

O Acciainoli ri muito, com o seu riso de sorvedoiro, e lá continuam os dois interrogando-se com o olhar, sonhando, sonhando sempre... Abancámos a uma mesa, tomámos coisas e a conversa foi animadissima; mas eis que chega o Miguel Palma de Vilhena com photographias de «O Baptista n'um salto, agora vê lá o meu cavallo no mesmo salto», o que fez augmentar extraordinariamente a animação da conversa; ás duas por tres era Ferreirinha e Palma de Vilhena a discutirem cavallos de carne e osso; o Chico Cabral e o Humberto a discutirem cavallos dos automoveis; e o Sousa Pinto, e o Acciainoli, olhos fitos um no outro, sonharam na entrada da cavallaria ao som d'aquella musica, que parecia um hymno de victoria.

Eu, estava como pateta a olhar para aquillo tudo e se não fosse acabar a 1.ª sessão e termos que nos chegar para a porta, ainda a estas horas, estava por decidir se o Baptista salta melhor que o Margaride, ou se este salta melhor que o Rangel, ou se os 15 do Chévard são os 15 Delaunay, ou se aquella musica era o hymno de victoria ou alguma simples estopada que um tal Wagner se lembrou de inventar quando um dia de festa foi para debaixo da mesa.

Carta de Lisboa

Quando, domingo ultimo, acompanhavamos em triste romaria até um jazigo do alto de S. João o corpo de Dias Costa, alguem, a nosso lado, lembrou aquella celebre phrase sua, uma vez, n'um discurso politico da antiga Camara dos Pares, de que uma Republica era apenas uma Monarchia de chapeu de coco. Como se enganára o espirituoso orador! E quantas vezes, n'estes dous annos ultimamente percorridos, por entre as amarguras soffridas, havia tel-o pensado o antigo ministro, experimentando que muito outra da que elle definira, póde ser afinal uma Republica moderna.

Por certo, na sua definição, Dias Costa comparava uma monarchia constitucional liberal, respeitadora dos direitos e dos deveres de todos, com uma republica parlamentar, salvaguardando por egual esses direitos e esses deveres. Nos povos bem governados, existe sempre esse equilibrio forte, entre os de cima e os debaixo, subditos ou patricios de um Rei ou de um Presidente e a differença entre a corôa e o chapeu não chega a fazer sentir-se. Já não succede o mesmo nos paizes mal administrados. N'esses, o peso do chapeu é ás vezes tão grande, que até parece um capacete de ferro!

Foi por certo esse capacete que pesou fortemente no espirito culto e patriotico de Dias Costa, mais ainda do que a perda contínua dos proventos que á custa de estudo e de trabalho adquirira justamente. Em poucos mezes, quando depois de demittido dos seus cargos, quiz ir procurar na sua reforma militar a justa compensação do que trabalhára, encontrou-se na difficuldade de a obter, porque, tendo transitado para o serviço de outros ministerios, se esquecera de certas formalidades. Então succumbiu devéras!

A fatalidade nem sequer lhe permittia regressar ao silencio do seu gabinete de trabalho, com o pouco indispensavel ao parco sustento dos seus. Continuou na sua cadeira de lente do Instituto, e como tudo tem compensações n'este mundo, encontrou da parte da geração nova que lecionava, o amor e a dedicação que ás vezes lhe faltou entre os homens do seu tempo. Foi realmente tocante a saudosa manifestação dos seus discipulos, acompanhando-o a pé até á sepultura e dizendo-lhe, pela voz de um representante, o seu ultimo adeus carinhoso e terno.

Quem só apparentemente conhecesse Dias Costa, não teria bem o valor do muito quanto affectivo havia no seu caracter. Atravez do seu trato sacudido, das suas bruscas apreciações, da agudeza da sua critica, quem o prescutasse bem, encontraria no fundo uma certa bondade e uma incontestavel rectidão.

Ha muitos annos já, quando apenas lente da Escola do Exercito, entrou a primeira vez no Parlamento, começou revelando nos seus discursos um certo humorismo de observador, uma tal ou qual mordacidade de critico, que a experiencia das cousas e dos homens foi sempre fortalecendo, mas que as desillusões da vida propositadamente encobriam depois. Manifestações evidentes d'esse estado de espirito são muitas phrases e ditos seus, repetidos pelos que os ouviram e ainda alguns registados a proposito da sua morte, como o foi aquella partida feita em 1910 á vereação republicana, depois da pueril resolução de não illuminar o seu edificio n'um dia de gala nacional.

Não lhe perdoaram os republicanos esse delicioso *truc*, que sahe talvez um pouco das praxes protocolares do Terreiro do Paço, mas que dá a justa impressão da grande differença que vae dos sentimentos dos governantes de então para os de hoje. N'aquelle tempo, com receio de offender os principios demagogos, uma vareação recusa-se a illuminar em certa noite os Paços do Concelho, e o governo sem recorrer a qualquer arbitrariedade ou sequer a minima imposição, serenamente ordena que os bombeiros, com um carro de escadas, cuidem das luminarias. Se a inversa se desse hoje, não entrariam em scena os bombeiros, mas entravam por certo e muito ruidosamente os carbonarios. E' que d'antes castigava-se, sorrindo; hoje castiga-se, odiando!

Quarta-feira, 19.

Raul.

Annuncios

Ideias Monarchicas

REVISTA SEMANAL

— DE —

DR. ALVARO CAMINHA
DR. FRANCISCO DE QUEIROZ
MARIOTTE

Summario do primeiro numero

Porque sômos monarchicos.—Carta á Senhora D. Constança Telles da Gama. — Psycologia de Guerra Junqueiro. — Patria e Patria.—A minha experiencia. — A granel.

A SAHIR
na proxima Segunda-feira

PERFUMARIA FINA

Praça de D. Pedro, 101
LISBOA

Recebeu novo sortimento de essencias finas para o lenço e banho, sabonetes e pós de arroz finissimos, boa agua de Colonia Florida e preparados garantidos para o cabello, dando a côr natural; sortimento de elixires, pasta e pós dentifricos.

LEGITIMOS
CIGARROS D'ALGER
PERFUMES de Salon
CREMES d'Herbe Divine
Universalmente conhecidos .·. .·. .·. .·. .·. .·. como os mais hygienicos
Não affectam a garganta
Cuidado com as imitações que a fama mundial d'estas marcas tem provocado.

PERFUMARIA BALSEMÃO
Rua dos Retrozeiros, 141
TELEPHONE, 2:777
LISBOA

PÃO DE GRAÇA

Aos medicos, medicas, parteiras e hospitaes fornecemos o necessario para analyse e experiencia nos tratamentos dos diabeticos, dispepticos, tuberculosos e anemicos. O pão de *Gluten* é o mais leve e mais fino e tem sido empregado com optimos resultados.

Basta um simples postal para ser logo fornecido.

Unico concessionario em Portugal e Hespanha — **Manuel J. Ferreira Valente** —PADARIA NACIONAL - **Rua de Liceiras, 140 e 144** (e suas filiaes).

CIGARROS
Presidente **ARRIAGA**
Fina mistura de tabaco havano
A marca de maior successo em Portugal
Cuidado com varias marcas imitações d'esta famosa marca

HEROES DE CHAVES
Nova marca de cigarros
Manipulados com finissimo tabaco havano suave
SUCCESSO COLOSSAL
Em todas as tabacarias
15 CIGARROS, 90 REIS

ESTOFOS, MOVEIS E TAPETES

Deposito de capachos de côco e pita

Carvalho & Figueiredo

409, Rua do Sá da Bandeira, 409

(PARTE NOVA)

Em frente ao Bolhão

PORTO

EMPREZA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO PARA A COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel; para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empreza

RUA DO COMMERCIO, 85—LISBOA

Magalhães & Moniz, L.da LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencia e lettras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações.

Correspondentes em todo o mundo.

CASA FUNDADA EM 1863

11, Largo dos Loyos, 14—PORTO

COMPANHIA DO GAZ DO PORTO

Distribuição de Coke a domicilio

Por cada 15 kilos (uma arroba) . . . . . 200 reis
Por cada 600 kilos (um carro). . . . . 8$000 reis

Posto em casa do consumidor, dentro da area da cidade do Porto.

PESO GARANTIDO

SATISFAZEM-SE PROMPTAMENTE

todos os pedidos de Coke que lhe forem feitos ou por meio do correio, ou em requisição verbal nos seus escriptorios da Praça Carlos Alberto, 71, ou na fabrica, no Ouro.

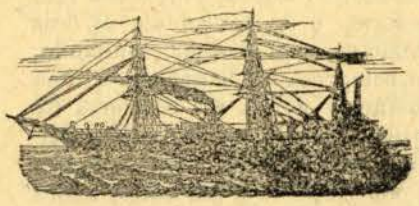
Cimentos NACIONAES E ESTRANGEIROS

EM GROSSO

Vantagens excepcionaes para grandes fornecimentos e contractos annuaes, etc.

J. WIMMER & C.ª

LISBOA



COMPAGNIES DE NAVEGATION

SUD-ATLANTIQUE

Linha postal. Para Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.
A 25 de Março o paquete *Divona*.
A 8 de Abril o paquete *Valdivia*.
A 22 de Abril o paquete *La Gascogne*.

Linhas commerciaes. Para Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.
A 19 de Março o paquete *Samara*.
Para Bahia, Santos e Buenos Ayres com escala por Dakar.
A 16 de Abril o paquete *Sequana*.
Para Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.
A 1 de Abril o paquete *Garonna*.
Para Bordeus.
A 21 de Março o paquete *Sequana*.
A 25 de Março o paquete *La Bretagne*.

K. H. Lloyd (Mala Real Holandeza)

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.
A 17 de Março o paquete *Zeelandia*.
A 7 de Abril o paquete *Hollandia*.
Para Vigo, Boulogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam.
A 19 de Março o paquete *Hollandia*.
A 9 de Abril o paquete *Frisia*.

Linha Cyp. Fabre & C.º

Para Providence e New-York, Boston, e mais cidades dos E. Unidos da America do Norte com escala por S. Miguel, Terceira e Fayal.
Preço das passagens em 3.ª classe para New-York, Boston, New-Bedford, etc., quarenta e dois mil reis e para S. Francisco da California, Libras 20-0-0.
Para Marselha. A 18 de Março o paquete *Germania*.
Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.º

NO PORTO — Largo de S. Domingos, 62-1.º
EM LISBOA — Praça Duque da Terceira, 4.

Recommendamos as excellentes e magnificas PENNAS

D. CARLOS I e D. MANOEL II

em bonitas caixas com artisticas photographias de Suas Magestades

Fabricação exclusiva dos fabricantes inglezes *D. LEONART & C.º*

Vendem-se nas boas papelarias de Portugal.

Dr. M. Forbes Costa

CIRURGIÃO DOS HOSPITAES
Antigo assistente das clinicas de Paris, Berlim, Londres e Vienna

Doenças genito-urinarias, venereas e syphiliticas

Diagnostico e tratamento da syphilis pelos processos mais modernos, especialmente pelo salvarsan (606) e neo-salvarsan.

Praça da Liberdade, 124-1.º
DAS 2 ÁS 5 HORAS
Telephone, 143

COMPANHIAS DE SEGUROS

La Union y el Fenix Español de Madrid

Union Maritime de Paris

Mannheim de Manheim

Seguros sobre a vida, incendio, explosão de gaz, de machinas, raio, rendas em caso de incendio, maritimos postaes e transportes de qualquer natureza.

LIMA MAYER & C.ª
R. da Prata, 59-1.º — LISBOA